

Nuno Vila-Santa

Universitat Autònoma de
Barcelona, Departamento de
Filologia Española. Barcelona,
Espanha
gemeo1984@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5637-0364>

A brevíssima história de Portugal de 1577: contexto e hipóteses de autoria de um manuscrito da biblioteca do Institut de France

The "Brief History of Portugal of 1577": Context and Hypotheses of Authorship of a Manuscript Held by the Library of the Institut de France

Resumo: Na biblioteca do Institut de France (instituição pertence à Academia Francesa) encontra-se um manuscrito intitulado "Historia brevissima delli Re di Portogallo d'un certo autore. Anno 1577". O objectivo deste artigo é publicar a primeira transcrição deste documento em italiano, acompanhado de uma tradução portuguesa assim como o de debater os seus principais conteúdos. É ainda feito um breve estudo introdutório no qual se discute a possível autoria, as motivações da sua escrita, as fontes utilizadas pelo autor e as razões pelas quais o manuscrito é importante. Argumenta-se que o manuscrito em questão faz parte de um todo maior ainda carente de mais estudos: a circulação de histórias de Portugal manuscritas na Europa do século XVI.

Palavras-chave: História de Portugal.

Abstract: The library of the Institut de France (an institution belonging to the French Academy) holds a manuscript titled "Historia brevissima delli Re di Portogallo d'un certo autore. Anno 1577". The primary aim of this article is to publish the first transcription of this document in Italian, accompanied by a Portuguese translation, as well as to discuss its main contents. A brief introductory study discusses the possible authorship, the reasons for writing the writing of this manuscript, the sources used by the author and the reasons why it is important. It is argued that the

manuscript in question is part of a larger topic that still needs further study: the circulation of manuscript histories of Portugal in 16th century Europe.

Keywords: History of Portugal.

Na biblioteca do Institut de France em Paris (instituição pertencente à mais conhecida Academia Francesa), entre a volumosa colecção de manuscritos reunida pelo erudito francês Théodore de Godefroy (1580-1649), encontra-se com a cota *Godefroy* 496, fls. 164-173v um manuscrito intitulado “*Historia brevissima delli Re di Portogallo d’un certo autore. Anno 1577*”¹. Organizado por reinados dos monarcas portugueses (começando no tempo do conde D. Henrique e terminando no período do rei D. Sebastião que então ainda reinava como se recorda no texto), em parte alguma é identificado o seu autor. O manuscrito é escrito em italiano, embora a sua leitura revele influências de francês na grafia de várias palavras. Nos fólios imediatamente anteriores do mesmo códice, encontra-se um outro documento com aparente ligação com a brevíssima história de Portugal. Intitula-se o mesmo “*Relazione di Portogallo di Costantino Garzoni 1571*”, ocupando o mesmo os fls. 152 a 163v.

O objectivo deste artigo é divulgar o conteúdo desta brevíssima história de Portugal, publicando o original em italiano acompanhado de uma tradução portuguesa, e também o de debater a sua autoria e importância. Para o efeito será apresentada uma hipótese quanto à autoria do manuscrito, assim como as razões pelas quais o mesmo merece estudos aprofundados no futuro.

Breves considerações em torno da possível autoria e dos conteúdos

¹ O autor agradece ao Institut Français de Portugal pela concessão de uma bolsa, em Outubro de 2023, para realizar pesquisa documental nos Arquivos de Paris sobre as relações diplomáticas luso-francesas no século XVI. Desta investigação resultou a escrita do presente artigo e o mencionado na nota 14. Uma palavra de gratidão é também devida às Professoras Doutoradas Ilda Mendes dos Santos e Dejanirah Couto por nos terem acolhido na referida ocasião no CREPAL e apoiado esta investigação desde o início. Os agradecimentos alargam-se ainda à nossa colega Luana Giurgevich por nos ter auxiliado na transcrição italiana, à Professora Kate Lowe pelo acesso a bibliografia italiana e ao Institut de France por nos ter providenciado o apoio necessário à publicação deste documento do seu arquivo.

Apesar do manuscrito da história brevíssima de Portugal não ter um autor claramente identificado julgamos que o mesmo terá sido escrito por Constantino Garzoni (1547-1629), isto é, pelo mesmo autor que escreveu a *relazione de Portugal de 1571*. Antes de explicitar as razões desta hipótese, importa primeiramente fornecer alguns dados sobre a biografia de Constantino Garzoni. Garzoni foi um fidalgo nascido em Veneza que acompanhou o seu primo, o embaixador veneziano Antonio Tiepolo (1526-1582), quando este foi mandatado pela Senhoria para visitar o rei Filipe II de Espanha (reinado 1556-1598), em finais de 1571, para o cumprimentar pelo seu enlace com a sua quarta esposa Ana de Áustria (1549-1580)². Após a chegada e visita ao monarca em Madrid em Novembro de 1571, Tiepolo recebeu comissão da Sereníssima República Veneziana para visitar pessoalmente o rei D. Sebastião (r. 1557-1578) a fim de alcançar deste o compromisso de que Portugal aderiria à Santa Liga contra os Otomanos³. Os resultados desta missão, decorrida entre Dezembro de 1571 e Janeiro de 1572, são conhecidos: não apenas as cartas que Tiepolo escreveu, aquando da sua presença no reino português⁴, mas também a *relazione de Portugal de 1571*⁵. Ainda assim até hoje, diversos autores debateram quem seria o autor desta *relazione*, se o próprio embaixador Tiepolo, se o seu secretário de embaixada ou se algum outro membro da sua comitiva. Efectivamente, nas diversas versões desta *relazione* que se encontram em diferentes arquivos e bibliotecas em Itália, França e Inglaterra, raros são os que

² Giuseppe Gullino, "Constantino Garzoni" in *Dizionario Biografico degli Italiani*, vol. 52, editado por Gambacorta-Gelasio, Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 1999. - [https://www.treccani.it/enciclopedia/costantino-garzoni_\(Dizionario-Biografico\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/costantino-garzoni_(Dizionario-Biografico)/) [acessado a 1 de Fevereiro de 2024]

³ Julieta Teixeira Marques de Oliveira. *Veneza e Portugal no século XVI: subsídios para a sua história*. Lisboa: CNCDP/INCM, 2000, pp. 83-86.

⁴ Para as cartas dirigidas por D. Sebastião e família real a Veneza na sequência da missão de Tiepolo veja-se: *Idem*, pp. 279-283. Para as cartas de Tiepolo redigidas a partir de Lisboa veja-se: Julieta Teixeira Marques de Oliveira. *Fontes documentais de Veneza referentes a Portugal*. Lisboa: CNCDP/INCM, 1997, pp. 60-79.

⁵ Para a versão italiana: Luigi Monga. *Due ambasciatori veneziani nella Spagna di fine Cinquecento. I diari del Viaggi di Antonio Tiepolo (1571-1572) e Francesco Vendramin (1592-1593)*. Centro interuniversitario di ricerche sul "Viaggio in Italia", 2000, pp. 107-135; Para a versão portuguesa: António Brehm, Luísa Antunes Paolinelli. *Portugal na encruzilhada da Europa. Relação anónima de um gentil-homem da embaixada de Antonio Tiepolo às cortes ibéricas, 1571-72*. Lisboa: Edições Esgotadas, 2020, pp. 107-135. Ainda sobre o tema veja-se: Donatella Ferro. "La Spagna e il Portogallo in un diário del XVI secolo" in *Geometrica Explosion. Estudios de lengua y literatura en homenaje a René Lenarduzzi*, editado por Eugenia Sainz González, Inmaculada Solís García, Florencio del Barrio de la Rosa, Ignacio Arroyo Hernández, 2016, pp. 407-418.

identificam explicitamente o autor da relazione⁶. Ainda assim, alguns estudiosos colocaram a hipótese de a autoria pertencer a Constantino Garzoni, o qual se sabe que acompanhou Tiepolo nesta missão e na seguinte que o levou a Istambul em 1572-1573 de que resultou outra afamada relazione da sua pena.

É precisamente neste ponto que a relazione do manuscrito *Godefroy* 496 da biblioteca do Institut de France fornece mais um argumento decisivo para considerar que o autor da relazione de 1571 terá sido Garzoni. No título da mesma, Garzoni é explicitamente identificado como o autor. O mesmo sucede na relazione existente na biblioteca francesa de Carpentras ou até na Bodleian Library de Oxford, onde se encontra um resumo de uma das secções da relazione explicitamente identificado como tendo sido escrito por Garzoni.⁷ Desta forma, o aparecimento de um terceiro manuscrito (o da biblioteca do Institut de France) no qual Garzoni surge explicitamente mencionado como autor, reforça a convicção que terá sido o autor da relazione de 1571. Deve realçar-se que a menção explícita da autoria se encontra ausente das versões publicadas por Luigi Monga em Itália, a partir do cotejo de quatro manuscritos⁸, ou mesmo da versão portuguesa traduzida por António Brehm e Luísa Antunes Paolinelli, o qual usa como base a versão na Bibliothèque Nationale de France do fundo *Italien*⁹.

Porém, no caso do manuscrito da biblioteca do Institut de France, tudo leva a crer que não se trata de um original, mas antes de uma cópia. A caligrafia do manuscrito, assim como a escrita de várias palavras com notória influência francesa, sugerem as primeiras décadas do século XVII como possível data de escrita. Tendo em conta que o manuscrito se

⁶ Monga consultou quatro manuscritos para a sua edição: Biblioteca Marciana It. VII 1262 (7708), Biblioteca Marciana It. XI. 182 (7361), fls. 41-5, Biblioteca Gambalunghina di Rimini MS. D. IV. 178, e Bibliothèque de Carpentras Ms 576 (Luigi Monga. *Due ambasciatori. Op Cit.*, p. 34). Brehm e Paolinelli utilizaram o manuscrito da Bibliothèque Nationale de France, Italien 688, fls. 92-106 (António Brehm, Luísa Antunes Paolinelli. *Portugal na encruzilhada, op. cit.*, p. 23). A estas versões há que adicionar a mencionada neste artigo existente no Institut de France e uma outra versão incompleta existente na Bodleian Library da Universidade de Oxford, Shelfmark MS. Arch. Selden B. 12 A, fls. 29-34v. A versão da Bodleian Library só publica a parte final da relazione com os dados comerciais da relazione, embora esteja explicitamente identificada como tendo sido escrita por Constantino Garzoni. Esta versão encontra-se num conjunto existente naquela biblioteca relativo a relazioni escritas por embaixadores venezianos sobre outros pontos da Europa.

⁷ Ver nota anterior.

⁸ Ver nota 5.

⁹ Ver nota 5.

encontrava na colecção de Théodore de Godefroy¹⁰, arquivista e historiador dos reis de França, Luís XIII (r. 1610-1642) e Luís XIV (r. 1642-1715), tais factos não são totalmente inesperados. Devido às intensas relações entre a Monarquia Francesa e a República Veneziana durante todo o século XVI (na maioria dos casos como aliados políticos) é provável que no seu papel de juntar, organizar e catalogar os principais documentos históricos da Coroa Francesa atinentes às relações externas de França¹¹, Théodore de Godefroy tenha tido acesso a um original da *relazione* de 1571. Uma vez que Godefroy também se interessava por assuntos portugueses (em particular depois da Restauração de 1640, em que defendeu abertamente junto dos cardeais Richelieu, Mazarino, e dos reis Luís XIII e Luís XIV que França devia apoiar a independência portuguesa face a Espanha, razão que explica muitos dos conteúdos portugueses do seu arquivo)¹², é perfeitamente possível que tenha ordenado uma cópia de um original da *relazione* de Garzoni para conservar no seu arquivo pessoal.

No entanto, não se tratou de uma cópia integral. A comparação com as versões publicadas¹³, mostra que foi omitida a parte inicial em que se narrava a recepção por D. Sebastião e figuras da corte portuguesa e a parte final em que se narra a partida de Portugal. Além disso, a sequência do texto foi reorganizada com a adição de títulos em secções distintas e mesmo alterada a ordem do texto original. Apesar disso, não foi apagada muita da descrição estrutural (apenas a conjuntural relativa à chegada e partida de

¹⁰ Sobre a carreira de Godefroy veja-se: Erik Thomson. "Commerce, Law, and Erudite Culture: The Mechanics of Théodore Godefroy's Service to Cardinal Richelieu". *Journal of the History of Ideas*, 68-3, 2007, pp. 407-427.

¹¹ A colecção de Godefroy impressiona pela variedade de documentos, cronologias e áreas geográficas abrangidas. A colecção conta com documentos relevantes para quase toda a Europa, sendo especialmente forte para Inglaterra, Itália e Alemanha. Inclui ainda diversos documentos relativos a Espanha e Portugal, mas também à Escandinávia e Europa de Leste (Polónia em particular pelas conhecidas ligações francesas com aquele reino). O catálogo desta colecção encontra-se acessível online: <https://calames.abes.fr/pub/institut.aspx#details?id=FileId-166> [acessado a 2 de Fevereiro de 2024].

¹² Sobre o papel de Godefroy na defesa dos interesses portugueses veja-se: Pedro Cardim. "Portuguese Rebels at Münster. The diplomatic self-fashioning in the mid-17th century European Politics", in: Heinz Duchhardt (dir.). *Der Westfälische Friede. Diplomatie, politische Zäsur, Kulturelles Umfeld, Rezeptionsgeschichte*. Munique: R. Oldenbourg, 1998, pp. 319-320. Para uma versão mais recente com análise dos conteúdos portugueses da biblioteca de Godefroy veja-se ainda: Fabien Montcher. *Mercenaries of Knowledge: Vicente Nogueira, the Republic of Letters, and the Making of Late Renaissance Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

¹³ Luigi Monga. *Due ambasciatori*, op. cit., pp. 127-144. António Brehm, Luísa Antunes Paolinelli. *Portugal na encruzilhada*, op. cit., pp. 107-135.

Portugal). Tal facto demonstra como Godefroy ou o seu copista preferiram “arrumar” a informação de forma distinta com um intuito mais informativo do que descritivo. Na colecção de Godefroy, este documento junta-se a vários outros que organizou relativos às relações entre as coroas francesa e portuguesa e que ainda hoje podem ser consultados na biblioteca do Institut de France, embora seja provável que tenha originalmente colecionado ainda mais documentação do que aquela que hoje ali se conserva¹⁴.

Regressando à brevíssima história de Portugal, o facto de a mesma se encontrar logo a seguir à relazione de Garzoni de 1571, de ter uma caligrafia também semelhante das primeiras décadas do século XVII, de ter sido escrita também num misto de italiano e francês, imediatamente fazem suspeitar que Garzoni poderá ter sido o seu autor. Também o estilo de escrita “emocionado”, mas por vezes também, algo atabalhado, da brevíssima história é partilhado com a relazione de 1571. Esta forma de escrita foi, aliás, razão anterior para Luigi Monga ter considerado a hipótese de Garzoni ser o autor da relazione de 1571. A autoria de Garzoni para a brevíssima história é ainda uma possibilidade, levando em consideração que à data de redacção da mesma (1577), é sabido que Garzoni já tinha regressado da sua missão ao Império Otomano e que se encontrava de novo ao serviço da Senhoria de Veneza, dedicando-se à escrita e a contactos académicos¹⁵.

Por fim, outros dois decisivos factos mencionados na história brevíssima levam a considerar que Garzoni será o seu provável autor. Ao terminar a descrição do reinado de D. Manuel I (r. 1495-1521), o autor recomenda aos seus futuros leitores interessados em saber mais sobre o *Ventuoso* cujo reinado, como o próprio autor afirma, foi o mais próspero e feliz de sempre em Portugal, que leiam a recente obra sobre este rei

¹⁴ Os documentos que actualmente se conservam no Institut de France foram ali alojados depois da Revolução Francesa de 1789, a partir do que sobreviveu do arquivo particular de Godefroy, o qual se sabe que foi afectado pelo processo revolucionário. É por isso possível que Godefroy detivesse originalmente mais documentos que aqueles que hoje ali podem ser consultados (incluindo sobre as relações luso-francesas). Sobre Godefroy ver a nota anterior. Sobre a colecção de documentos de Godefroy ver nota 9 e um artigo por nós escrito onde publicamos alguns destes documentos autógrafos e desconhecidos pela historiografia portuguesa em artigo no prelo para a revista *Fragmenta Historica* e intitulado “Portugal e França: novos ecos documentais de uma relação relevante no estudo da Europa Moderna (1560-1608)”.

¹⁵ Giuseppe Gullino, “Constantino Garzoni”, in: *Dizionario Biografico degli Italiani*, vol. 52, editado por Gambacorta-Gelasio, Istituto dell’Enciclopedia Italiana, 1999. - [https://www.treccani.it/enciclopedia/costantino-garzoni_\(Dizionario-Biografico\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/costantino-garzoni_(Dizionario-Biografico)/) [acessado a 1 de Fevereiro de 2024]

publicada em latim por D. Jerónimo Osório (1506-1580), bispo de Silves e eminente figura da cultura portuguesa de Quinhentos¹⁶. O autor refere ainda a presença de Osório em Roma no instante da sua escrita, referindo-se de forma bastante elogiosa aos afamados trabalhos de Osório. Ora, é bem sabido que Osório se encontrou em Roma com o Papa Gregório XIII (r. 1572-1585) durante o primeiro semestre de 1577, antes de regressar a Portugal¹⁷. Tal facto permite balizar a escrita desta brevíssima história de Portugal neste período cronológico.

Na visita a Portugal com Tiepolo, o qual teve audiência pessoal com D. Sebastião, o cardeal D. Henrique (1512-1580), a rainha D. Catarina (1507-1578), o senhor D. Duarte (1541-1576) e com a infanta D. Maria (1521-1577), Garzoni narra na sua *relazione* de Portugal de 1571 como conheceu todas estas figuras fazendo comentários acerca de cada uma delas. É também sabido que foi precisamente em 1571 que a rainha D. Catarina ameaçou retirar-se para um mosteiro em Espanha, o que motivou D. Jerónimo Osório a escrever-lhe uma carta e até a mediar entre esta, D. Sebastião e o cardeal D. Henrique para evitar tal desfecho¹⁸. Por esta razão, nos finais de 1571, quando Tiepolo e Garzoni visitaram a família real portuguesa, é altamente provável que Garzoni se tenha cruzado pessoalmente com D. Jerónimo Osório, cuja fama europeia (não apenas em Itália, mas também em França, em Inglaterra, em Espanha, na Alemanha e na Polónia) era bem conhecida. Mesmo que Garzoni não tenha conhecido pessoalmente Osório (a correspondência conhecida de Osório é omissa quanto a tal possível contacto)¹⁹, é provável que tenha ouvido falar das suas obras e tido interesse em adquirir algumas delas, em particular a obra sobre D. Manuel I em latim. Ainda que não descartemos por completo a hipótese de Garzoni poder ter adquirido em Lisboa a edição de 1571 da obra de Osório sobre D. Manuel I, parece-nos mais provável que tenha adquirido a

¹⁶ A primeira versão publicada em Lisboa: Ieronimus Osorius, *Re Rebus, Emanuelis Regio Lusitaniae invictissimi virtute et auspiciis gestis Libri duodecim. Auctore Hieronymo Osório Episcopo sylvensi*. Lisboa: António Gonçalves, 1571. Para a versão publicada em Veneza Ieronimus Osorius. *Hieronymi Osorii Lusitani, Silvensis in Algarbiis Episcopi; de Rebus; Emmanuelis Regis Lusitaniae invictissimi Virtute et Auspicio. anniis sex, ac viginti, domi forisq; gestis; libri duodecim. Quibus; potentissimum ea, quae in Africa & India bella confecit. explicantur. Adiectus est rerum. ac verborum. index*. Veneza: Arnoldo Byrckmanno, 1574.

¹⁷ León Bourdon. *Novas investigações sobre a viagem de Jerónimo Osório à Itália (1576-1577)*, separata da revista *Ocidente*, Lisboa, 1952, pp. 13-14.

¹⁸ A. Guimarães Pinto. *D. Jerónimo Osório. Cartas*. Silves: edição da Câmara Municipal de Silves, 1995, pp. 70-72.

¹⁹ Ver nota anterior.

versão publicada em Veneza em 1574, após regressar da sua missão ao Império Otomano. A estes factos, juntam-se outros conhecidos sobre a viagem de Osório a Roma no primeiro semestre de 1577: os pedidos para que Osório escrevesse semelhante obra sobre D. João III e para que remetesse todos os seus escritos para impressores de Colónia os publicarem²⁰.

A forma como na brevíssima história de Portugal se menciona a presença de Osório em Roma sugere que o seu autor estava mais do que simplesmente familiarizado com a fama de Osório: estaria ao corrente de tais pedidos e teria a esperança que Osório pudesse um dia escrever (algo que não sucedeu) uma obra sobre os sucessores do rei D. Manuel I, isto é, sobre os reis D. João III e D. Sebastião. Tal consideração aplicar-se-ia na mente do autor da brevíssima história mais a D. João III que já falecera, do que a D. Sebastião que ao tempo reinava. Idêntico raciocínio se pode aplicar às crónicas de João de Barros (1496-1570) para quem o autor remete qualquer futuro leitor curioso de saber mais detalhes sobre a história da presença e feitos lusos na Ásia durante o reinado de D. João III. Este facto demonstra como, credibilizando a tese de Garzoni como autor da brevíssima história de Portugal, este também poderá ouvido falar de Barros na sua estadia em Portugal. Dificilmente o terá conhecido pessoalmente pois este faleceu no ano anterior à sua vinda a Portugal. Porém, a forma como é realizada a referência a Barros sugere que Garzoni conhecia bem as suas *Décadas da Ásia* e até que poderá ter adquirido alguns volumes desta obra aquando da sua estância em Portugal.

Apesar da familiaridade de Garzoni com as obras de Barros e Osório, outras menções no texto sugerem que poderá ter consultado versões manuscritas em circulação, os conhecidos sumários dos reis de Portugal, na maioria dos casos baseados nas crónicas de Fernão Lopes (1385-1460), de Duarte Galvão (1446-1517) e de Rui de Pina (1440-1522). Tendo sido comprovado por Filipe Alves Moreira como Duarte Galvão e Rui de Pina utilizaram largamente para as crónicas dos monarcas portugueses da primeira e segunda dinastias versões manuscritas da crónica de Portugal de

²⁰ León Bourdon. *Novas investigações*, p. 13. Outro claro interessado nas obras de Osório e até revisor destas a seu pedido era o seu amigo polaco Stanislaus Hosius. Sobre o tema veja-se: León Bourdon. *Jerónimo Osório et Stanislas Hosius d'après leur correspondance (1565-1578)*. Separata do *Boletim da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1956 e ainda as diversas cartas trocadas entre ambos, publicadas por A. Guimarães Pinto. *D. Jerónimo, op. cit.*

1419²¹, é importante debater se Garzoni terá tido acesso a alguma delas. Não tencionando narrar detalhadamente todos os episódios de cada reinado e sobretudo considerando a globalidade da escrita da brevíssima história de Portugal, não se exclui a possibilidade de Garzoni ter usado como base um dos muitos sumários dos reis de Portugal que, à época da sua presença por terras lusas, desde os inícios do século XVI se escreviam, quer no âmbito da corte portuguesa, quer do oficialato régio²². Pouco ainda se sabe sobre o processo de circulação deste tipo de sumários, mas tal não obsta à possibilidade que a sua circulação tenha sido mais intensa do que se possa pensar. O presente manuscrito em análise é disso uma prova evidente.

No processo de escrita da brevíssima história de Portugal, não se devem desprezar os interesses pessoais de Garzoni que, tal como Filipe Alves Moreira documentou para os cronistas Duarte Galvão e Rui de Pina²³, terá feito as suas próprias escolhas sobre conteúdos a adicionar e a retirar em cada reinado. Um exemplo paradigmático de tal no presente manuscrito encontra-se quando o autor, ao descrever o reinado de D. Sancho I (r. 1185-1211), afirma que abrevia a história deste rei. Apesar de não mencionar explicitamente a consulta desta crónica, a forma como o menciona sugere que terá tido acesso a mais informação do que aquela que escreveu sobre o reinado deste monarca. A mesma estratégia é aliás seguida pelo autor ao mencionar outros reinados onde também abrevia a sua descrição.

A estes factos acresce a própria factualidade descrita para vários reinados, em particular os de D. Pedro I (r. 1357-1367), D. Fernando I (r. 1367-1383), D. João I (r. 1385-1433), D. Duarte I (r. 1433-1438), D. Afonso V (r. 1438-1481) e D. João II (r. 1481-1485) que nos fazem acreditar que poderá ter conhecido cópias em versão de sumário, dos manuscritos de Duarte Galvão e de Rui de Pina. O mesmo se aplica, para o reinado de D. Manuel I, à crónica escrita por Damião de Góis (1502-1574). Apesar do autor não mencionar explicitamente Góis, é também possível que tenha consultado esta crónica uma vez que à data da sua vinda a Portugal em 1571-1572, a mesma já fora publicada em 1565-1566. O mesmo se poderá dizer

²¹ Filipe Alves Moreira. *A Crónica de Portugal de 1419: Fontes, Estratégias e Posteridade*. Dissertação de doutoramento em Literatura e Culturas Românicas, Universidade do Porto, 2010, pp. 259-345. Veja-se também sobre este A. Magalhães Basto. *Estudos. Cronistas e crónicas antigas. Fernão Lopes e a "Crónica de 1419"*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1959.

²² Sobre o tema veja-se: Filipe Alves Moreira. "Os sumários de crónicas portuguesas: textos, contextos, paratextos", *Cahiers d'études hispaniques médiévales*, 35 (2012/1), pp. 79-92.

²³ Ver nota 21.

relativamente à crónica de Góis sobre o príncipe D. João (D. João II). Terá o autor conhecido as crónicas de Gaspar Correia (1495-1561) sobre D. Manuel I e D. João III e as *Lendas da Índia*? Poderá também ter estado familiarizado com a crónica de Fernão Lopes de Castanheda (1500-1559) sobre a Ásia Portuguesa? Uma vez mais, o manuscrito não permite apresentar certezas quanto a tais hipóteses. No entanto, a estrutura narrativa do texto sugere que poderá ter conhecido a crónica de D. Manuel I e de D. João III de Gaspar Correia, a qual, aliás, também se baseou em informações dos cronistas Duarte Galvão e Rui de Pina²⁴. Em particular, a forma como é descrito o reinado de D. João III, sugere que Garzoni poderá ter consultado o manuscrito de Correia. Mais duvidoso será acreditar que terá conhecido as *Lendas da Índia* daquele autor. À época da sua vinda a Portugal, alguns volumes da obra Castanheda já se encontravam publicados. No entanto, não deixa de ser estranho Garzoni não recomendar Castanheda aos seus leitores interessados pela Ásia, como fez relativamente a Barros. Esta ausência pode sugerir que simplesmente não conheceu a obra de Castanheda ou que o estilo de escrita de Barros lhe terá sido mais sedutor (tese que nos parece mais verossímil atendendo ao tipo de prosa adoptada na brevíssima história).

Tal facto sugere ainda uma familiaridade do autor com a língua portuguesa, algo que para Tiepolo e Garzoni talvez não fosse assim tão difícil tendo em conta a missão de ambos na corte de Filipe II. Por fim, uma análise breve da forma entusiástica e laudatória como são narrados os reinados dos monarcas portugueses e a particular fixação do autor no elogio da epopeia guerreira dos monarcas lusos contra o inimigo islâmico desde a fundação ao Reino até à época de D. Sebastião, sugerem dois aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, que o autor terá tido acesso a informação dos principais cronistas lusos do seu tempo que escreveram nessa mesma lógica. Em segundo lugar, que o seu autor seria oriundo de Itália e até possivelmente veneziano. O paralelismo das guerras travadas por Portugal em diversos cenários contra o infiel islâmico e aquele que Veneza travava no Mediterrâneo Oriental contra os Otomanos era evidente. Tal lógica discursiva sugere muito claramente que o autor da *relazione* se deixou arrebatado pelas narrativas da cronística imperial portuguesa de Góis, de Barros e de Osório e quiçá também de Castanheda, Barros, Pina ou Galvão. Mas mais do que ficar impressionado, pela forma como escreve, o autor procura mesmo convencer os seus futuros leitores do importante papel que no cenário europeu, asiático

²⁴ Filipe Alves Moreira. *A Crónica*, op. cit., pp. 363-372.

e norte-africano, Portugal desempenhara desde a sua fundação e que se mantinha ao seu tempo na luta contra o inimigo islâmico.

Esta lógica é ainda visível em diversos momentos da narrativa em que o autor compara os feitos de guerra portugueses aos conhecidos, para os seus leitores previsivelmente italianos, de grandes generais romanos. Talvez aqui a comparação mais pertinente para exemplificar seja a batalha de Toro, no reinado de D. Afonso V, e o papel do príncipe herdeiro D. João, futuro D. João II, na sua guerra contra Fernando, *O Católico*, que é comparada às grandes batalhas que opuseram Júlio César (100 A.C.-15 A.C) a Marco António (83 A.C.-30 A. C) e Octaviano (63 A.C.-23 D.C.), ou quando o autor compara o rei D. Afonso Henriques (r. 1128-1185) a Alexandre, *O Grande* (356 A.C.-323 A.C.). Outros exemplos se podem ler para outros reinados. Também a forma como é mencionada a visita de D. Afonso V a França e a sua intenção de peregrinação a Jerusalém em tom elogioso, denotam bem a aprovação do autor pela epopeia guerreira portuguesa contra o inimigo islâmico, a qual tinha ressonância evidente nos anos da escrita da brevíssima história com a constante ameaça otomana não apenas a Veneza, mas também à península italiana de uma forma mais geral. Deve desde já assinalar-se que apesar de erros com algumas datas, o manuscrito exhibe informação bastante verossímil. Vários dos erros (vejam-se as notas de rodapé da tradução) parecem assim ter decorrido do processo de cópia e escrita por parte do autor.

Não é objectivo repetir os conteúdos que o leitor poderá encontrar ao ler a brevíssima história de Portugal. Contudo, é relevante ressaltar outros aspectos. Em primeiro lugar, notar como nem todos os reinados mereceram ao autor o mesmo tipo de atenção e comentários. Na primeira dinastia não surpreende que D. Afonso Henriques tenha sido o monarca a quem o autor votou mais atenção, imediatamente seguido por D. Sancho I. É digno de registo que o autor tenha optado por iniciar a sua narrativa com o conde D. Henrique (1066-1112), procurando elucidar os seus leitores das origens verdadeiramente “europeias” da Casa Real Portuguesa. Por comparação ao rei D. Afonso Henriques, os sucessores não mereceram a mesma atenção, particularmente depois de D. Afonso III (r. 1248-1279) quando terminou a reconquista peninsular para Portugal com a ocupação do Algarve. Este facto parece ter pesado na lógica de escrita do autor, talvez explicando que dedique tão pouca atenção aos reinados de D. Dinis I (r. 1279-1325), D. Afonso IV (r. 1325-1357), D. Pedro I e D. Fernando I. De facto, para estes monarcas não existiam tantos “feitos” contra o infiel islâmico a narrar,

quando comparados com os seus antecessores. De igual forma parco em comentários, o autor não dedica particular atenção aos reis D. Afonso II (r. 1211-1223) e D. Sancho II (1223-1247), não apenas pela parca informação disponível para ambos nas crónicas de Galvão e Pina, mas talvez também pelas circunstâncias breves do reinado do primeiro e pela guerra que depôs o segundo. O paralelismo com a forma breve como é descrito também o reinado de D. Fernando I é aqui evidente, sobretudo por comparação com D. Sancho II. Na mente do autor, tratavam-se de dois reinados onde Portugal arriscara perder-se para o adversário castelhano. A tónica da inimizade com Castela é, aliás, outro dos aspectos que surge recorrentemente narrado em diversos episódios de diferentes reinados e que tem paralelismo com o que Garzoni escreveu na *relazione de Portugal de 1571* quando afirmou que os Portugueses eram inimicíssimos dos castelhanos²⁵.

Ao iniciar a descrição da segunda dinastia, não foi necessariamente a lógica do combate ao infiel islâmico que veio a ditar que certos monarcas merecessem maior atenção que outros. Nesta dinastia, o autor concentrou maior atenção em D. João I, D. João II, D. Manuel I e, secundariamente, em D. João III. Para um autor que se mostrara antes tão prolífico na descrição das lógicas de guerra santa ao inimigo islâmico, não deixa de ser surpreendente a forma rápida como são descritas as campanhas marroquinas de D. Afonso V, apesar do autor até lhe reconhecer o cognome de o *Africano*. Ao invés, o autor preferiu lembrar como de Portugal saíra uma das Imperatrizes germânicas já no século XV, D. Leonor (1434-1467), irmã de D. Afonso V, que casara com o Imperador Frederico III (r. 1452-1493). Impressionado com este facto, o autor não resiste a informar os seus leitores que poderiam consultar na contemporânea Siena um tríptico alusivo à passagem do casal imperial por aquela cidade. Na mesma lógica, o autor também menciona o casamento de D. Isabel (1397-1471), filha de D. João I, a quem o autor não se esquece de afirmar que já era então apelidado com o cognome de *Boa Memória*, com Filipe III (1396-1467), duque de Borgonha.

O mesmo se verifica relativamente a D. Sebastião, o monarca que reinava enquanto o autor escrevia em 1577 e que se sabia que preparava musculada intervenção em Marrocos. Se no caso de D. Afonso V, a omissão de maior atenção se justifica, em nossa opinião, por uma decisão do autor de concentrar atenções nos feitos de guerra do filho (futuro D. João II) ainda

²⁵ A expressão de Garzoni na sua *relazione de Portugal de 1571* conforme o manuscrito da biblioteca do Institut de France é a seguinte: "Sono inimicissimi degli spagnoli e poco amorevole a forestieri". Bibliothèque de l'Institut de France, *Godefroy* 496, fl. 155.

em reinado do seu pai, enquanto príncipe regente, e sobretudo pelo papel que este teve na chegada dos Portugueses à Índia, já a omissão relativa a D. Sebastião requer outras explicações. No caso de D. João II, o autor poderá ter escolhido também privilegiar atenção a este monarca por à época ser mais afamado e ter sido alvo de crónicas mais encomiásticas (sobretudo a crónica de Garcia de Resende publicada em 1545 a que o autor possivelmente terá tido acesso²⁶, e a crónica de Damião de Góis) que as de D. Afonso V (apenas Rui de Pina). Já no caso de D. Sebastião não era segredo para ninguém a oposição interna e até externa (de Filipe II) com que o monarca luso preparava a sua intervenção em Marrocos. A forma como o autor refere as grandes esperanças no reinado de D. Sebastião sugere que mesmo aprovando a anterior lógica anti-islâmica portuguesa e embora consciente dos objectivos do monarca luso da época, o autor preferiu não se envolver demasiado na polémica sobre a preparação e possíveis resultados da jornada. Importa lembrar que esta polémica em 1577-1578 não era visível apenas entre Portugal e Espanha: também em Itália e em Inglaterra, os preparativos do monarca português eram abertamente comentados, dando azo a especulações erradas sobre os verdadeiros intentos bélicos do *Desejado*²⁷.

A lógica narrativa encomiástica a Portugal de guerra ao inimigo infiel, reforça a hipótese que o autor da *relazione* seja Garzoni. Não só Garzoni privou pessoalmente com D. Sebastião, como na corte portuguesa certamente presenciou os debates, controvérsias e oposições aos intentos guerreiros do monarca português em Marrocos. Estes factos podem justificar a atenção dada, por contraposição a D. Manuel I e D. João III. Se no caso de D. Manuel I, o autor é claramente influenciado pela leitura da obra de D. Jerónimo Osório, já no de D. João III não deixa de ser assinalável como não menciona o abandono por este ordenado de praças em Marrocos. De facto, comentar tal facto cortaria a lógica narrativa anterior da guerra ancestral de Portugal ao inimigo islâmico e sobretudo poderia passar aos futuros leitores

²⁶ Assim o sugere a forma elogiosa como se refere a este monarca, e em particular, a descrição das conjuras de 1483-1484. Garcia de Resende. *Crónica dos valerosos e insignes feitos del Rei Dom Joam II*. Lisboa: Luiz Rodrigues, 1545.

²⁷ A este propósito note-se, por exemplo, o impacto em Roma e na Inglaterra Isabelina da contratação por D. Sebastião do capitão inglês Thomas Stukley (o qual acabaria por falecer em Alcácer-Quibir). Tal contratação afectou as relações entre Portugal e a Santa Sé e mesmo com Isabel I que, informada pela sua rede de espiões, temeu que D. Sebastião fosse protagonizar uma invasão da Irlanda que então a monarca inglesa procurava dominar. Estes aspectos surgem particularmente evidentes na correspondência do colector apostólico em Portugal Roberto Fontana para os anos de 1577-1579.

uma imagem negativa deste monarca, algo que o autor pretendeu evitar a todo o custo. Pelo contrário, o relato que emerge é o de um monarca que acumulou várias vitórias na Ásia e em África, e que talvez por contraste ao que fora narrado relativamente ao seu pai D. Manuel I, preferiu concentrar-se numa governação sábia e mais serena (a mencionada questão da Universidade de Coimbra), dando continuidade a projectos do pai (caso do mosteiro de Belém que o autor qualifica de “coisa rara na Europa”). Ainda assim, o autor não deixa de assinalar as formas distintas do fazer guerra português entre o período manuelino e o joanino. O realce da religiosidade de D. João III, a dedicação do rei em terminar as obras no Convento de Cristo de Tomar e a menção às numerosas igrejas e conventos que o *Piedoso* mandou erigir durante o seu reinado, conferem-lhe, aos olhos do autor, um estatuto *sui generis*. Como este afirma D. João III podia ser visto como o “pai da pátria” portuguesa na sequência do felicíssimo reinado de seu pai. Na pena do autor, tal estatuto surge associado indelevelmente ao facto de ter casado com a rainha D. Catarina, irmã do Imperador Carlos V (r. 1519-1556), vista como um modelo de bondade, e explica ainda a menção aos grandes festejos pelo casamento do príncipe D. João Manuel (1537-1554) e da princesa D. Joana de Áustria (1535-1573) em 1552. A forma como se refere à tragédia subsequente da morte do príncipe herdeiro em 1554 relembra a descrição anterior do falecimento do príncipe herdeiro D. Afonso (1475-1491) no reinado de D. João II. Muitos outros pormenores podem e devem ainda ser melhor estudados a partir da divulgação deste manuscrito, mas talvez a questão principal que ainda fica por responder seja a seguinte: que tipo de leitor tencionaria o autor desta brevíssima história de Portugal alcançar? Não pretendendo de forma alguma resolver em definitivo esta questão, adiantaremos a nossa própria hipótese.

Conclusão

Na época em que o autor da brevíssima história de Portugal compunha a sua obra, tornara-se de alguma forma já usual escrever histórias breves de regiões ou países um pouco por toda a Europa²⁸. Portugal não escapava à tendência como as crónicas de Duarte Galvão, Rui de Pina, Damião de Góis, Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros e D. Jerónimo Osório bem

²⁸ Sobre este tema veja-se Giuseppe Marcocci. *The Globe on Paper. Writing Histories of the World in Renaissance Europe and the Americas*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

demonstravam. É também bem conhecido como, por exemplo, os embaixadores venezianos no seu regresso a Veneza eram obrigados a entregar as *relazione*, dos locais onde tinham estado, analisando a história, economia, sociedade, política dos mesmos²⁹. Estas *relazione* não devem ser confundidas com a correspondência oficial uma vez que eram obrigatoriamente compostas no fim da missão diplomática e entregues ao Senado veneziano aquando do regresso dos diplomatas à Sereníssima. No caso da *relazione* de Portugal de 1571 e da brevíssima história de Portugal de 1577 havia toda a justificação em Veneza para se escrever tal história. Quando o embaixador Tiepolo se dirigiu à corte de D. Sebastião em finais de 1571, havia mais de 60 anos que um embaixador veneziano não vinha a Portugal. Longe iam os tempos em que o embaixador veneziano Pasqualigo fora recebido por D. Manuel I com as maiores honras, no auge da tensão luso-veneziana causada pela inauguração da rota marítima do Cabo da Boa Esperança. Por essa mesma razão, Tiepolo tivera na sua recepção formal por D. Sebastião³⁰, honras semelhantes às anteriormente concedidas a embaixadores venezianos em Portugal. Garzoni narra na sua *relazione* de 1571 como D. Sebastião fizera questão, após conselho das grandes figuras da sua corte, em receber Tiepolo daquela forma³¹. Muita coisa tinha mudado em Portugal, em Veneza e na Europa que tinha alterado as relações luso-venezianas. Por isso, havia toda a necessidade em Veneza de um novo relato actualizado da realidade portuguesa.

Apesar da concorrência continuar a ser um ponto dominante no prisma comercial, esta foi dando lugar à curiosidade de estudar e compreender melhor o que era afinal Portugal. Tal curiosidade, do lado veneziano, é evidente em diversas formas. Apenas para citar a mais conhecida, atente-se à publicação pelo veneziano Giovanni Baptista Ramusio (1485-1557), em Veneza, na década de 1550 da sua compilação de narrativas de viagens (*Delle Navigatione et Viaggi*), com importantes e até, à época, inéditas referências para o público europeu, às viagens lusas no Atlântico e Índico.³²

²⁹ Foram publicadas várias edições destas relações ao longo dos anos. A título exemplificativo veja-se: James C Davis (ed.), *Pursuit of Power: Venetian Ambassadors' Reports on Spain, Turkey and France in the Age of Philip II, 1560–1600*. New York/ London: Harper and Row, 1970.

³⁰ Julieta Teixeira Marques de Oliveira, *Fontes documentais*, op. cit., p. 62.

³¹ Luigi Monga. *Due ambasciatori*, op. cit., p. 126.

³² A bibliografia produzida em torno deste autor e dos seus trabalhos é imensa. Dois trabalhos recentes afiguram-se como bons pontos de partida: Jerome Randall Barnes, *Giovanni Battista Ramusio and the history of discoveries: analysis of Ramusio's commentary, cartography, and imagery in Delle Navigazioni et Viaggi*. Tese de doutorado em

O que era motivo de comentário desde inícios do século XVI nas principais cortes europeias, não deixara de o ser na década de 1570 em que o autor da brevíssima história de Portugal escrevia: Como fora possível ao modesto reino do ocidente peninsular lançar-se na criação do primeiro marítimo global da história e que condições tinham favorecido tal empresa? Apesar das tentativas ultramarinas de França e Inglaterra nas décadas de 1560-1570 montadas com especial acutilância, como conseguia Portugal manter esse mesmo Império? É precisamente uma primeira explicação deste processo que nos parece que o autor da brevíssima história de Portugal procurou fornecer aos seus futuros leitores: uma rápida elucidação aos curiosos que tinham ouvido falar vagamente de Portugal e que queriam saber mais sobre o pequeno reino que se tornara num Império à escala global, mesmo sendo de base pequeno e pobre, como aliás Garzoni também afirmava na *relazione* de 1571³³. Tal explicação, como o autor reconhecia no próprio título, não podia deixar de ser brevíssima porquanto a história de Portugal era já então tão longa, intrincada e complexa que se impunham escolhas no que narrar e menções explícitas para consultar João de Barros ou D. Jerónimo Osório para mais detalhes.

Este facto sugere que o autor da brevíssima história terá provavelmente tido intenção de escrever algo semelhante a uma *relazione* inicialmente para um público veneziano, mas que rapidamente se terá apercebido que o seu escrito poderia ter interesse para um público mais alargado noutras regiões de Itália com intensas relações com Portugal, como a Roma papal, o ducado de Saboia, o ducado de Parma onde precisamente no ano de 1577 falecia a portuguesa duquesa D. Maria, a Florença dos Médicis ou o vice-reinado de Nápoles onde tantos portugueses serviam em carreiras de armas. É menos claro pela forma como escreve que o autor anteviesse claramente esse interesse fora de Itália em locais não católicos e não tão focados na luta ao infiel islâmico como França ou Inglaterra. Porém, o facto de este manuscrito se ter conservado entre os papéis que

Filosofia da História. Universidade do Texas, 2007; Fiona Lejosne. *Giovanni Battista Ramusio et la constitution d'un savoir géographique à Venise au XVI^e siècle: parcours scientifique et horizon politique*. Dissertação de doutorado em Filosofia. Université de Lyon, 2016.

³³ Na versão do manuscrito da biblioteca do Institut de France, tal menção é feita na secção *Sito di Portogallo* onde se explica a localização geográfica de Portugal na Península Ibérica, a pobreza do reino algarvio e a conhecida dependência portuguesa dos cereais importados de França. *Bibliothèque de l'Institut de France, Godefroy* 496, fls. 154v.-155. Quando são listadas as receitas e despesas no reino, tal volta a ficar evidente nos valores de receita obtidos pela coroa portuguesa nos reinos de Portugal e do Algarve, quando comparados com outras regiões ultramarinas (*Idem*, fls. 160-161).

pertenceram ao erudito francês Theódore de Godefroy demonstra como tal não foi o que sucedeu. Impõe-se, por isso, a necessidade de estudar as circunstâncias em que possíveis outras cópias deste manuscrito atingiram outros arquivos e bibliotecas europeias no período subsequente à sua escrita.

Referências

- BARNES, Jerome Randall. *Giovanni Battista Ramusio and the history of discoveries: analysis of Ramusio's commentary, cartography, and imagery in Delle Navigazioni et Viaggi*. Tese de Doutorado em Filosofia da História. Universidade do Texas, 2007.
- BASTO, A. Magalhães. *Estudos. Cronistas e crônicas antigas. Fernão Lopes e a "Crônica de 1419"*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1959.
- BOURDON, León. *Jerónimo Osório et Stanislas Hosius d'après leur correspondance (1565-1578)*. Separata do *Boletim da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1956.
- BOURDON, León. *Novas investigações sobre a viagem de Jerónimo Osório à Itália (1576-1577)*, separata da revista *Ocidente*, Lisboa, 1952.
- BREHM, António e PAOLINELLI, Luísa Antunes. *Portugal na encruzilhada da Europa. Relação anónima de um gentil-homem da embaixada de Antonio Tiepolo às cortes ibéricas, 1571-72*. Lisboa: Edições Esgotadas, 2020.
- CARDIM, Pedro. "Portuguese Rebels at Münster. The diplomatic self-fashioning in the mid-17th century European Politics", in: DUCHHARDT, Heinz (dir.), *Der Westfälische Friede. Diplomatie, politische Zäsur, Kulturelles Umfeld, Rezeptionsgeschichte*. Munique: R. Oldenbourg, 1998, pp. 293-333.
- DAVIS, James C. (ed.). *Pursuit of Power: Venetian Ambassadors' Reports on Spain, Turkey and France in the Age of Philip II, 1560-1600*. New York/ London: Harper and Row, 1970.
- FERRO, Donatella. "La Spagna e il Portogallo in un diário del XVI secolo", in: SAINZ GONZÁLEZ; SOLÍS GARCÍA, Eugenia; del BARRIO de la ROSA, Florencio; ARROYO HERNÁNDEZ, Ignacio (ed.) *Geometrica Explosion. Estudios de lengua y literatura en homenaje a René Lenarduzzi*. Veneza: Edizione Ca' Foscari, 2016, pp. 407-418.
- GULLINO, Giuseppe. "Constantino Garzoni" in: *Dizionario Biografico degli Italiani*, vol. 52, editado por Gambacorta-Gelasio, Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 1999. - [https://www.treccani.it/enciclopedia/costantino-garzoni_\(Dizionario-Biografico\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/costantino-garzoni_(Dizionario-Biografico)/) [acessado a 1 de Fevereiro de 2024]
- LEJOSNE, Fiona. *Giovanni Battista Ramusio et la constitution d'un savoir géographique à Venise au XVIè siècle: parcours scientifique et horizon politique*. Tese de doutorado em Filosofia. Université de Lyon, 2016.
- MARCOCCI, Giuseppe. *The Globe on Paper. Writing Histories of the World in Renaissance Europe and the Americas*. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- MONGA, Luigi. *Due ambasciatori veneziani nella Spagna di fine Cinquecento. I diari del Viaggi di Antonio Tiepolo (1571-1572) e Francesco Vendramin (1592-1593)*. Turim: Centro interuniversitario di ricerche sul "Viaggio in Italia", 2000.
- MONTCHER, Fabien. *Mercenaries of Knowledge: Vicente Nogueira, the Republic of Letters, and the Making of Late Renaissance Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.
- MOREIRA, Filipe Alves. "Os sumários de crônicas portuguesas: textos, contextos, paratextos", *Cahiers d'études hispaniques médiévales*, 35 (2012/1), pp. 79-92.

- MOREIRA, Filipe Alves. *A Crónica de Portugal de 1419: Fontes, Estratégias e Posteridade*. Tese de doutorado em Literatura e Culturas Românicas, Universidade do Porto, 2010.
- OLIVEIRA, Julieta Teixeira Marques de. *Fontes documentais de Veneza referentes a Portugal*. Lisboa: CNCDP/INCM, 1997.
- OLIVEIRA, Julieta Teixeira Marques de. *Veneza e Portugal no século XVI: subsídios para a sua história*. Lisboa: CNCDP/INCM, 2000.
- OSORIUS, Ieronimus. *Re Rebus, Emanuelis Regio Lusitaniae invictissimi virtute et auspiciis gestis Libri duodecim. Auctore Hieronymo Osório Episcopo sylvensi*. Lisboa: António Gonçalves, 1571.
- OSORIUS, Ieronimus. *Hieronymi Osorii Lusitani, Silvensis in Algarbiis Episcopi; de Rebus; Emmanuelis Regis Lusitaniae invictissimi Virtute et Auspicio. anniis sex, ac viginti, domi forisq; gestis; libri duodecim. Quibus; potentissimum ea, quae in Africa & India bella confecit. explicantur. Adiectus est rerum. ac verborum. index*. Veneza: Arnoldo Byrckmanno, 1574.
- PINTO, A. Guimarães Pinto. *D. Jerónimo Osório. Cartas*. Silves: edição da Câmara Municipal de Silves, 1995.
- RESENDE, Garcia de. *Crónica dos valerosos e insignes feitos del Rei Dom Joam II*. Lisboa: Luiz Rodrigues, 1545.
- THOMSON, Erik. "Commerce, Law, and Erudite Culture: The Mechanics of Théodore Godefroy's Service to Cardinal Richelieu" *Journal of the History of Ideas*, 68-3 (2007), pp. 407-427.

Recebido em: 14 de março de 2024.

Aprovado em: 28 de agosto de 2024.

Bibliothèque de l'Institut de France, *Godefroy* 496, fls. 164-173v.

Historia brevissima delli Re di Portogallo d'un certo autore. Anno 1577

[nota: Optou-se por transcrever o texto italiano com respeito absoluto pela ortografia original e apenas introduzindo pontuação para facilitar a leitura. A tradução procurou ser o mais fiel possível ao texto original, embora nalguns casos se tenha acrescentado palavras em falta no texto original entre colchetes. Optou-se ainda por não acrescentar os acentos actuais da língua na versão italiana, colocando apenas o que o autor colocou no texto original. De igual modo, para não duplicar notas de rodapé e para efeitos de correcção de datas e factos, optou-se por anotar a tradução e não a transcrição. Nos casos em que não foi possível traduzir certas palavras do original italiano para português, manteve-se o original italiano e anotou-se a impossibilidade de tradução.]

Fl. 164/Historia brevissima delli Re di Portogallo d'un certo autore. Anno 1577.

Lasciando da parte l'antichissimi historie delle Re, et signori di Portogallo delli quali hanno fatto mentione l'historiografi antichi et moderni come richiedeva il merito di questo felicissimo Regno faro principio dal primo che cacerando fuori i saraceni merito per il suo valori essere signore di esso. Donde descende la Regal progenie di questo potentissimo Re presente per linea diretta. Comenciando a donde dico che circa l'anno della salute del essere humano 1090 regnando in Spagna il Re Don Alfonso setto di questo nome, che tolse Toledo a i mori. La fama della cui virtu et generosita di animo cosi si sparse per il mondo che molti pui per signalarsi nell'arme che per honori popolari vennero aiutar questo famoso prencipe. Tra questi fu Henrico figliuolo del Re di Ungaria, al quale volendo sodisfare il Re Alfonso per li buoni avisi, che in questa guerra dei mori gli haveva dati, non trovo cosa piu degna ne di meggior gui guiderdone per la persona sua che di acetando per suo figliolo et gemero dandogli per moglie Teressia sua figliola et in dote gli diede tutte le terre che in quel tempo erano state tolte ai Mori in questa parte di Portogallo. Et di piu tutte quelle che si potessero conquistare con titolo di Ducato, la qual dote et heredita pare, che fosse data con tal Beneditione da questo Catolico Re che tutti li suoi sucessori che l'hereditorno sempre havessero continua guerra con questi infedili. Che con verita/fl.

164v. si puo dire et affermare, che questa Corona di Portogallo sta edificata sopra il sangue di quelli li quali militando per la fede Christiana offeriscono le loro vitte a Dio in sacraficio. Questo famoso Henrico dipoi havete molte vitorie contra Mori, hebbe di Terresia un figliol maschio al qual pose nome Alfonso Henriquez et cosi regno sino al anno 1112. Nel qual tempo piaque il sommo Dio liberarlo di questa vitta per dargline un altra alle sue virtu convencendole.

Alfonso Henriquez, primo Re

Morto il Duca Don Herico successe nello stato Alfonso Henriquez suo figliolo di non minor valore del padre, perche per distendere et ilustrar il Regno non bisognava altro animo di maggior eccellenza del suo. Fu un gran Capitano, arditissimo et felicissimo nell'imprese. Perche morto il padre Dona Terresa sua madre volse maritarsi con un altro non equale a lei et in equalissimo al Duca, et insieme con questo suo marito tento di voler privare il figliolo del possesso dello stato, contra il quale opponendo il prencipe lo ruppe et cacciando la madre, et patregno fuori dello stato, piglio la possessione di quello pacificamente. Ma la madre se ne ando a suo fratello Re di Castiglia lamantandosi et querellandosi del suo figliolo, et insieme domandandogli soccorso et avito, il che non gli negando quel Re formo un buono essercito, et a persona venne a ritrovare il Principe nel suo ducato, contra il quale uscendo Alfonso, non solamente la unirse, ma evandio lo mise in fuga. Fl. 165/Di modo che vinto et superato sine ritorno nel suo Regno poco deppo questo Re di Castiglia risentendosi della ingiuria ricevuta in Portogallo disegno di vendicarsi. Il che fece assediando il Principe in Guimarranes alla sprovista et doppo molti combattimenti non podendo il Principe Alfonso partire il duro assedio fu da un suo fedelissimo consigliere, chiamato Equas Moniz, liberato con certi patti che et fece da se con il Re di Castiglia ancora che per lui non fossero buoni, ne di porti volessi mai osservare. Per il che il Re levando l'assedio retorno vittorioso nel suo Regno. Passato questo tempo non potendo stare questo animoso Principe senza far opere degne del nome suo ordino un buono, ma picciolo essercito per andar contra i mori che habitavano la Comarca di oltre Tago, Campo Donriquez et Algarve. A che sapendo qu'ei perfidi Arabi unissono alla distruzione sua con quel Re, il loro principal chiamato Ismar et fu di loro radunato cosi gran numero di gente che contro un Portoghese, erano cento mori. Il che non spaventando il fortissimo animo di un tanto guerriero pose il suo Campo

bene in ordine di rincontro a inimici. In una parte che hoggi si chiama Caberos del Rey, che e in Campo donriquez. Et quella mattina che la battaglia si haveva da fare all'apparire del giorno volse ancora l'omnipotente Dio Christo signore nostro apparire a quel principe nel cielo crucifisso il che esso vedendo et adorando con tanto tutto l'essercito avrebbe tanto l'animo di tuttj che gridando fu nominato Re di Portagallo. Et dando sopra l'inimici li ruppero et fracassorno in modo che li cinque Re et quasi tutti gli alteri mori morirono./fl. 165v. in questa memorabile giornata la quale volendo il nuovo Re fare piu memorabile fece delle sue armi che erano una croce turchina in campo d'argento, quello che al presente fanno tutti li Re di questo Regno, cioe cinque scudi turchini invece della croce, per significar il miracolo di Dio segnor nostro quando gli apparve, con cinque praghe crucifisso nel Cielo. Et in memoria di quei cinque Re morti, et in ciascuno scudo messe cinque danari di argiento che numerando quel di mezzo due volte cioe nel principio et fine fanno 30 denari con li quali fu venduto Christo. Et con questa miracolosa vittoria egli hebbe nome di Re, che sempre resto a suoi successori desmembrandosi della Corona di Castiglia, et con queste belle et sante armi date dal proprio Dio. Passo poco tempo che piglio alli mori medesimi la Citta de Leiria, Aronches, Santarem, Sintra et Lisboa, qual tenne assediata cinque mesi. Ma al fine con l'aiuto di Dio et delli oltramontani, cioe theteschi, fiamenghi et inglesi, che venivano per mare all'impresa di terra santa, la piglio, con assai sanguinosa entrata. Et con questa hebbe ancora Torres Verdas, Elva, Morira, Serpa, Alcace do Sal et Evora per il valore di Giraldo suo valente capitanno. Doppo piglio Besa, Palmella et Saimbra, in soccorso della quale vennis il Re di Baros con quatro milla cavalli, et con grande numero d'infanteria. Alche sapendo il Re Don Alfonso li fece uno aguato et solamente com 60 cavalli lo ruppe et mise in fuga. Et seguirando la vittoria l'ando ad assediar nella propria Citta di Badaios la quale havendo presa li lionosi l'ebbero a male/fl. 166 perche era di loro conquista et cosi sdegnato di una tal ingiuria l'assediare in quella. Ma non podendo egli partire di vedersi rianchiviso, si dispose con quella poca gente che haveva di ussar in campagna et battagliaire comte strenno capitannio. Ma la fortuna sua non lo volse in questa favorire, perche uscendo per la porta della Citta si ruppe una gamba nel serraglio il che fu causa di esser junto et fatto pregione della quali si delibero com certi patti, et se ne fece retornar nel Regno, nel quale si deliberandosi di un altro assedio da i mori a Santarem con suo vantaggio face portar il santissimo Corpo di San Vincenzo, dal campo chiamato di questo nome, per esser in esso ritrovato alla Citta di Lisboa.

Fra Aquesto mezzo volse Dio dargli un figliolo per nome sancio non degenerante punto del Padre, al quale ei commando che con un essercito andasse a quelle parti di Oltra Tago. Il coragioso giovane obidendo al Padre hebbe grandissime vittorie di che risentendosi quei Re mori ordinarno di vendicarsi congrongiendosi con Miramolim Imperator di Marrocco. Il quale entrando in Portogallo con xiiij Re et infinito numero di gente da guerra, andorno assediare questo Eccellentissimo Principe sancio in Santarem. Ma sapendolo, il vecchio Padre il quale hormaj era stanco dall armi et se estava in Coimbria venne in persona a soccorerlo. Et avisandolo Dio signor nostro si portò tanto bene che amazzando quasi tutta la gente et il Miramolim restando morto, restò vittorioso. A questo invittissimo Re doppo tante vittorie, tanti Re morti, tante Città et castelli posseduti et per arme pigliate, volle/fl. 166v. il signore Dio dargli l'altra vitta nel Cielo liberandolo da questa fragile della terra nel anno 1185. Doppo haver posseduto per la morte del Padre et regnato in Portogallo 73 anni, nelli primi 27 comme Duchessa et nelli 46 come Re.

Sancio primo, Re secondo

Al famoso Re Alfonso successo nel Regno suo figliolo Sancio primo di questo nome et secondo Re di Portogallo nell'anno del signore 1182. Non manco animoso del Padre, ne manco fortunato nella guerra, ma si poteva guerrellare come Alesandro magno di suo Padre, il Re Alfonso Henriquez, che haveva fatto tanto che non gli restava che far adesso doppo la sua morte nell acquisitione del nuovo Regno. Et benché nella sua gioventu, essendo vivo il Padre, mostrasse la forteza dell'animo suo nelle genti transtagane havendo grande vittorie contra il Re di Siviglia moro et un altro che aveva assediato Beia, et resistendo al pericolosissimo assedio di Santarem a Miramolino, non però dimostralo. Doppo Re perché essendo pochi anni che regnava, pigliò la Città di Silves, essendo avisato a caso da gente allemana come suo padre nell acquisto di Lisboa, la quale gente passava per quelle bande facendo la navigatione in questo mare mediterraneo per avistar l'Imperator federico il Rosso che andava alla difesa di Hierussa et di Guido Redi essa contro il Saladuno. Fra questo mezzo li lionesi gli fecero guerra da quella parte che confina l'un Regno co l'altralche en prevendo si oppose ad essi et gli successero le cose molto bene havendo ottenute molte vittorie et altre, che/fl. 167 per brevità si lasciano di scrivere con altre cose particolari succedute nel

Regno. Morre questo serenissimo Re negli anni del signore 1211, havendone regnato 26.

Alfonso secondo, Re terzo

A Sancio successe nel Regno il suo figliolo Alfonso secondo del nome et terzo Re di Portogallo nel anno 1211, il quale non fu meno eccellente nelle virtu dei suo predecessori. Ma come gia in quel tempo erano del Regno sercata di Saracini non havevano li Cavallieri dove impiegare le forze loro per ilche non fu cosi nominato ne celebrato come il Re Sancio. Tra le cose che fece di nome fu il ripigliar da mori Alcace do Sal, che in vitta di suo padre era stato perduto. Et cosi regnando due anni fini la sua breve vitta con possederne un altra eterna nell anno del signor 1213.

Sancio secondo, Re quarto

Sancio secondo et Re quarto doppo la morte del Padre Re Alfonso piglio il possesso del Regno nel anno 1213. Et benché nel principio mostrasse d'esser proceduto da questa Reale et muitissima stirpe, tuttavia doppo riuisci da puro animo, per il che dai suoi vassali fu spogliato del Regno per cio che non era atto a governar un tal popolo, assuefatto ad obedire non qualunque Re. Ma il più eccellente di tutti et cosi privandolo del Regno fecero governare Alfonso Conte di Bologna in Francia, fratello di questo Re Sancio secondo con consenso del sommo pontifice Innocentio quarto. Vedendosi questo Re di esser sprezzato di tutti se ne ando in Castiglia dove stando due anni si mori havendo non/fl. 167v. regnato ma posseduto il Regno 24 anni et due in Castiglia che sono 26. Et in Toledo si vede il suo sepolcro ella dei Re.

Alfonso terzo, Re quinto

Morto Sancio secondo l'anno 1249 li Portoghesi fecero Re loro Alfonso Conte di Bologna, il quale come dicevamo avanti era stato governatore del Regno per il fratello Sancio, come nella sua vitta si legge, il quale per cognome si chiama il pracio. Fu sposato a Beatrice figliola di Alfonso decimo Re di Castiglia, dandogli in dote il Regno dell'Algarve con tutta la guiristittione che in esso haveva, onde se quito che cacciando fuori li mori con grandissimi vittorie comme muitissimo cappitano piglio ancora il possesso di quello. Et non contento di tante et maravigliose opere da lui fatte ultimamente fecese

ombrare per forza d'armi tutti due li Regni, cioe Portogallo et Algarve, di quella perfida et abhominivel setta di mahemeto, riducendoli ad un tranquillo stato et perpetua pace. Mori questo Bravo Re nelli anni del signore 1278, havendone regnato 29.

Dionisio Primo, Re sesto

Al bravo Re Alfonso seguito Dionisio, primo suo figliolo, che trovando il Regno in pace et gia daquello i saracini scacciati non havendo cosa nella quale potesse essercitare la militia spende il tempo in edificare nouvi castelli et arivavano al numero di 44. Fu liberalissimo Re et tanto che nella liberata poteva paragonarsi ad Alesandro magno et nel fare delle leggi et institutioni a quel famoso Re de Romani numa Pompilio fece nella Citta di Coimbra/fl. 168 madre di tutte le scienze essercitarsi lo studio delle lettere humane et divine. Et havendo questo Re liberalissimo regnato 46 anni, fu il corso della vitta sua nel anno 1326, essendo la primato da tutti i popoli per li grandissimi benefici da lui ricevuti.

Alfonso quarto, Re settimo

Alfonso quarto morto il padre Dionisio piglio il possesso del Regno et benché nella sua gioventù si mostrasse poco obediante a suo Padre, non però fu manco raro nella virtù che i suoi antecessori. Questo fu quel famoso Re che si trovo presente quella memorabil battaglia tra il Re Alfonso XI di Castiglia et Alcobacen Re di Marrocco, con altri quattro Re mori fatta nella Campagna de Tariffa, castelo posto nello stritto di Gibilterra. Dove essendo li christiani unitosi: con pochissimo nommero di gente amazzorno 150 mil saracini, liberando la Spagna dall'esser un'altra volta posseduta da quella scelerata natione. La causa che fece andar questo Re Alfonso quarto in soccorso delli Re di Castiglia fu perche marito sua figliola a questo Alfonso XI, per abolire certi principi di guerra che erano nati tra li portughesi et castigliani, il quale vedendosi oppresso di tanta gran quantita di mori commando alla Regina Maria sua moglie che andasse dal Padre a demandargli soccorso. La quale andando in Portogallo l'octonno et vi ando il Re in persona con il quale si fece quella memorabile giornata sudetta venendo poi colmo di gloria et triunfo in Portugallo seppe come il Principe suo figliolo chiamato Pietro era namorrateo fuerissimamente di una nobile et bella Dama. Detta damma, Ignese di Castro, della quale haveva gia figlioli et per la quale lasciava ogni/fl. 168v.

altra Principessa per moglie al che pensando il Padre remediare accio sposasse una eguale. Et per essere cio constretto del Popolo, fece amazzar costei il che tanto merudele l'animo del Prencipe che non volse mai pigliar moglie. Et per la vendetta che ei fece di quelli che l'ammazzorno merito il nome di crudele, como si dira nela sua historia. Morta Donna Ignesa, morse ancora il Re Alfonso quarto, ne anno della redentione 1357, havendo regnato 31.

Pietro primo, Re ottavo

Doppo Alfonso quarto successe nel Regno Pietro primo, suo figliolo, il quale havendo il possesso del Regno fece cavar della sepoltura la sua innamorata Donna Ignese di Castro et la piglio per moglie facendo la Regina in morte si come haverebbe fatto in vitta quando il Re suo Patre non glielo havesse impedito. Facendola amavare come si e detto et non pigliando altra moglie fece che i figlioli fossero giurati legittimi heredi del Regno et come di legittimo matrimonio havuti accio che in quello potessero succedere. Fu crudelissimo castigador dei ladri et assassini, tanto che in suo tempo si trovava quel Regno privo di questa maladetta razza ricordandosi poi dell'ingiuria ricevuta daquelli che amazzorno la Regina sua moglie. Fu d'accordo con Don Pietro di Castiglia chiamato ancora il crudel che gli desse tutti li fuoresciti che erano nel suo Regno che egli gli darebbe quelli che si ritrovavano nel suo. Nel modo che gia fece Augusto con Lepido et Antonio et cosi havendo nelle mani quelli occisoni mise mano all'essecutione della sua volonta/fl. 169 la quale fu tanto crudele, che daquela merito il cognome seaccio ancora dal Regno tutti li avvocati. Ma nel resto fu liberalissimo Re et molto affectionato alle virtu. Quel giorno che et non facesse mercede alcuna soleva dire che il Re era mui degno del nome Regio, et cosi egli per meritar questo nome ne fece di grandissimo Regno anni 10 et mesi sete et mori l'anno del parto di Maria 1367.

Ferdinando primo, Re non[o]

Per morte di Petro il crudel heredito Portogallo il suo figliolo Ferdinando nel tempo del quale stette il Regno in pericolo di perdersi per causa sua essendo assediato in Lisboa dal Re Henrico di Castiglia dove che venendo a patti fu liberato et havendo da Donna Leonarda sua moglie una figliola chiamata

Beatrice la marito con il Re di Castiglia il che fu occasion di grandi discordie e historia tra questi due Regni come nella seguente historia si dira.

Questo Re non fece altro di nome che cingere di mura la Citta di Lisboa della grandezza che era in quel tempo per la paura che haveva che non gli accadesse altro assedio come il passato et cosi havendo posseduto quel regno XVI annj et nove mesi. Mori nell anno della salute nostra 1383.

Giovanni primo, Re Decimo

Doppo tante calamita accadute in Portogallo nel tempo del Re Ferdinando, volle Dio miracolosamente socorrere al bisogno di questo Regno dandogli un Re tanto singolare come fu Giovanni primo Gran maestro dello ordine di David et figliolo di Pietro il Crudele, acciosi restaurasse per opra di costui il danno che i Portughesi havevano ricevuto dai/fl. 169v. castigliani nel tempo sudetto, perche morto Ferdinando non gli restando altro herede che Beatrice maritata al Re di Castiglia, la nobilita si divise volendo alcuni questa Regina et altri el detto Giovanni. Et prevalendo questa piu che l'altra, fu nominato per Re dando accio segno in Evora che per miracolo essendo fanciullo et stando nella urna credo ad alta voce dicendo Portogallo Portogallo per il Re Giovanni, il quale non fu prima Re che amazzo l'enemici del suo morto fratello Re Ferdinando per sua propria mano magli alla Regina Leonarda et in presenza di tutta la casa sua. Non potendo la Regina comportar questa ingiuria fece solevar, quelli che erano della parte della figliola dando in mano del Re di Castiglia tutti li castelli et città, che costoro possedevano accio che egli come herede per parte della moglie venisse a pigliar il Regno. Et sapendo che non gli mancharebbono contrasti per la nuova elezione di giovanni formo un grande et potente essercito conveniente a tale espeditione. Fra questo mezzo Portogallo era tutto perturbato per la divisione, che era tra loro ma quelli che erano per la parte del Re Giovanni lo consigliorno et portarono aviso egli provedesse al suo bisogno a tempo facendo un picciolo ma buono essercito di quei fedeli portoghesi che volevano più presto morir com il loro proprio et natural signore et Re che esser sudditi dei Castigliani con pace. Fece il Re suo capitano general Nunno Alvarez Pereira gentilhuomo nobilissimo et riputato per santo et uno dei migliori et valenti capitani che Portogallo habbia havuto. Et con questo picciolo essercito uscì in Campagna di Abrantes, castello alla riva del Tago, et marciando molto bene in ordine si incontro col Re Giovani/fl. 170 di Castiglia in un luogho che hoggidi si dice la madonna della battaglia dove tocando

all'armi si fece una battaglia molto sanguinolenta. Fu rotto et venuto l'essercito castigliano con gran mortalit , restando il Re Giovanni tre di nel campo como victore nel qual luogo fece far un suontuoso tempo alla madonna detta della bataglia, ornandolo di tutte le spoglie che haveva tolto al nemico Re. Dove ancora hoggidi si veggono vinto il Re di Castiglia, mando il Re Nuno Pereira suo generale con essercito aquelle parti d'oltre Tago, dove questo valente capitano vinse molte squadre di Castigliani soggiungendo tutta quella parte di Andalusia sino a Siviglia. Ma vedendosi opresso il Re Giovanni, domando pace, la quale gli fu conceduta et per meglio stabilita si sposorno a due sorelle figliole del Re d'Inghilterra. Doppo questa nuova pace non potendo il magnanimo Re lasciar di fare opre degne del suo valore, perche nel suo Regno non era piu con chi guerreggiare, ando a cercarne fuori facendo una grossa Armata di galleoni, gallere et navi grosse nella quale imbarcandosi con li suoi fedeli Portoghesi fece l'espedizione di Speta, porto di mare Citta, posta nella Mauritania nello stretto di Gibilterra, in quella parte che gli antichi chiamorno Monte Abela. La quale pigliando assicuro la Spagna che non accadarebbe una altra volta la ruina un altro per quella parte, come fu nel tempo dal Conte Giuliano. Ritornando poi il Re, nel Regno ornato di tante vittorie essendo egli il primo Re che facesse impresa fuori di quello mori nell'anno 1433, havendone regnato 50, restandogli li portughesi tanto obligati che per cognome lo chiamorno di buona memoria.

Fl. 170v./Edoardo primo, Re XI

Morto Giovanni primo regno Edoardo primo del nome suo figliolo al quale non volse la fortuna sua orir nella vitta, ne manco nelli successi accaduti nel Regno ancor che el meritasse per le sue virtu chiamarsi figliolo di un tal Padre, ma non regno piu di 5 anni nelli quali suo fratello Ferdinando fu fatto schiavo dai mori, in Africa, per il cui cambio dimandavano Septa. Et ancor che il Re Edoardo la volesse dare et ancor tutto il Regno si fosse bisognato per acquistar il perduto fratello non di meno questo principe atendendo alla utilitt  publica piu che alla sua et sapendo di quanta importanza era questa Citta alla Spagna non volse mai esser liberato da quela prigione et cosi mori fra loro, recitando quel celebrato Regolo. Questo Re doppo marita una sua figliola chiamata Leonora a Federico terzo Imperatore di Alemagna della quale si vede in Siena chiaro testimonio nell'entrata della Citta sopra una Colonna di marmo bianco. Mori l'anno 1438.

Alfonso quinto, Re dodecimo

Ad Edoardo primo successe suo figliolo Alfonso quinto, nome veramente assai fortunatto in questo Regno di Portogallo. Fu questo Re eccellente capitano et merito per le vittorie grandi havute nel Africa dei mori. Il nome di Africano pigliando per forza di armi Alcazar et Seguer fortissima castelli Tanger et Arsilia, citta situata in Mauritania poco lontana da Septa, nella quale armo Cavalliero suo figliolo il Principe Don Giovanni che dipoi gli successe nel Regno nel quale retornando pieno di trionfo et vittorioso ando ad affrontare/fl. 171 Ferdinando, Re di Aragona. Et s'encontrando in Toro fecero la giornata assai sanguinosa et dubia perche il Re Alfonso resto vinto et suo figliolo il Principe col altra squadra vinctore et stetero tutti un giorno nel campo doppo la battaglia, essendo questa simile à quella di Octaviano et di Antonio contra la ocassion di Giulio Cesare, et cosi mezzo vincitore si retorno a Toro. Donde venendo in Portogallo se ne ando in Francia et di la si mise in strada per andare a Gerusalem, con proposito di menar vitta religiosa in quei santi luoghi, poiche nel fine del suo Regno la fortuna gli era tanta adversa et havendo regnato anni 43, mori nel 1481.

Giovanni secondo, Re xiiij

Per morte del Re Alfonso heredito il Regno Giovanni secondo suo figliolo nel quale non mancho cosa che ad un gran Re fosse necessaria. E essendo costui Principe si trovo con suo Padre all acquisto di Arsilia, et in quella battaglia di Toro, como si e detto, et ad altre cose degne di memoria che per breuita si lasciano. Et doppo essendo Re fu dato principio allo scoprimento delle Guinee. Fece similmente una forteza chiamata San Giorgio in quelle parti della Mina per causa del oro. Dipoi sapendo il tradimento che il Ducha di Braganza Ferdinando et gli altri signori facevano con castigliani fece decapitare in Evora il detto Ducca, et il simile fece al Marchese di Monte Moor in Abrantes in statua perche già si era fuggito in Castiglia. Ma non cessorno per questo i tradimenti perche questo ne commincio un altro maggiore del quale era capo il Duca di Visur suo fratello uigino, et a cui la Regina era sorella con l'arcivescovo di Evora, il Conte Benemacor et altri gentilhuomini nobilissimi./fl.171v. Sendo il loro intento d'ammazzar il Re a ferro o con veneno accio che restasse per Re il detto Duca di Visur. Ma essendo il Re certificato del pericolo della vitta sua, mando una notte a chiamare il Duca di Santual et con la sua propria mano l'amazzo con un pugnol et il medesimo

occorse a congiurati che in una parte, et che in un altra morto il Duca diede il Re il suo Ducato a Don Emanuello, fratello del Ducha, mutandogli il titolo et chiamandolo Duca di Baia et signor di Visur, il quale fu Re di Portugallo. Doppo cessata questa congiuratione per morte di tanti signori si diede in mano del Re della Citta di Azamor, et fu pigliata per forza Targa, porto di mar et Camice, castello dentro terra tutti sittuati nella Mauritania, et havuto grandissime vitorie per li suoi capitani di quei mori. Et essendo gia scoperta l'Isola della Madera allora si scoperse ancora il Regno de Beni et venne in Portugallo Bemochi, Re di Jelofo, a farsi Christiano, et il Re di Manicogno si battezzo et il suo Regno, il che accrebbe l'animo al Re di tentare questa presente navigatione mandando per terra huomini all'Indie i quali in suo tempo non ritornorno per vari casi succeduti. Et havendo gia il Principe Alfonso suo figliolo la eta di pigliar moglie fu sposato ad Isabella, figliola di Ferdinando Re di Castiglia. Accioche restassero questi Regni in pace, come sono stati fino al presente. Nelle nozze dei quali furono fatte feste grandissime in Evora, dove fu consumato il matrimonio, la il povero Principe duro poco in questo stato perche non l'hebbe per piu che sette mesi morrendo in Santarem di una caduta da/fl. 172 cavalo. Per la morte de quale il Regno di Portugallo resto tristissimo perche su primo del suo natural Principe et signore la Principessa se ne retorno in Castiglia. Et il Re di cordoglio della perdita del figliolo visse poco tempo dopoi et havendo Regnato xiiij anni et due mesi mori nel ano del signore 1495.

Emanuel primo, Re xiiij

Successe a Giovanni secondo Emanuel primo, suo fratello cugino et figliolo del Infante Ferdinando, re molto fortunato liberale et magnanimo nel cui tempo il regno di Portugallo fu floridissimo, et abundantissimo di ogni bene cacciò i mori, et li giudei fuori del Regno restando solamente quelli che si volsero far christiani. Hebbe nell'Affrica grandi vitorie ripigliando per forza Soffia, Azamor et Manzagano et vi fece delle forteze di nuovo, uvo Daguze, et Castello reale appreso al Capo de Gue. Fu il primo che scoperse l'India per il suo capitano Vasco di Gama grande ammiraglio di questo Regno et ancora il Brasil cosa no tentata mai l'alcuno et opera degna di un tanto herde, palesando tutta la navigatione dell Africa Maggiore, Arabia, Persia, Sarmatia, Siano et China et non numerando le grandi battaglie, che i suoi capitani ebbero contra i Turchi, Mori, et Indiani, in quelle parti Citta prese, saccheggiate et abbruggiate. Diro solamente le fortezze che ei fece, cioe in

Cocchim, Conamor, Coulano, Chiloa, Soffala, Mosambique, Achedma, Sacotora, Ormuz, Goa, Pazem, Medir, Calicut, Chaul, Zeilão, Malacha et in Malucho, quella di Ternace. Fece nel Regno innumerabili monasteri di fratti et monache fra qualli commincio quella di Betlem, cosa rara in Europa. Appreso Lisboa, dove e la sua sepultura fornì lo spitale della medesima Citta cominciato dal Re Giovani/fl. 172v. secondo il quale e un edificio bellissimo. Hebbe per moglie Isabella già moglie del Principe Alfonso, figliolo del Regio anni suo predecessore, et andò con essa prendere il possesso de suoi Regni in compagnia del Re Ferdinando, suocero fino a Saragosa dove parire la Regina un figliolo maschio chiamato Michael Principe et herede di tutta la Spagna. Ma la madre si morì nel parto et il putto de 22 mesi. Dipoi si sposò a Maria, sorella della Regina morta, della quale hebbe parecchi figlioli, essendo il primogenito chiamato Giovanni, che dipoi regnò in Portogallo. Fu veramente felicissimo il tempo nel quale regnò il sopra detto Emanuel. Chi vorrà saper le prodezze di suoi capitani et le grandezze suoi legge la sua cronica fatta in lingua lattina per Monsenhor Reverendissimo d'Algarve (che al punto e a Roma) Don Girolamo Osorio, che in quella si può fare paragone a cesare non gli mancando altra scienza di maggior qualità, come si vede dalle opere da lui fatte stampare. Morre questo Re nel anno 1521, havendone regnato 26.

Giovani terzo, Re XV

Morto il Re Emanuel hebbe il possesso del Regno il suo figliolo Giovanni terzo del nome. Re religiosissimo et affectionissimo alle lettere humane et divine per la qual causa ornò, et fece nobile lo studio di Coimbra. Fece grandissimi edifici in che si diletta molto come fu quello di fornire il Tomar convento dei fratti di Christo, quello di Betlem cominciato da suo padre et molti altri palazzi et chiese et monasteri con li quali ha nobilitato assai quel Regno. Li suoi Capitani ebbero di grande vittorie così nell Africa come nell Indie di diverse nationi. Medesimamente/fl. 173 nel suo tempo si scoprese il Giappone et altre nuove Isole di quel mare. Fu Re molto benigno, affabile et cortese, con tutti li suoi vassalli, tal che con ragione poteria più presto esser chiamato Padre della Patria. Che Re hebbe per moglie Catharina, sorella del Imperator Carlo Quinto, Regina simile in bontà al marito, la quale essendo ancora viva e un essemplio di bontà in quel Regno. Dalla quale hebbe il Re molti figlioli maschi et femine, et morendo tutti Fanciulli ne restò solo uno chiamato Giovanni Principe et herede, a cui diedero per moglie

Giovana, figliola del detto Carlo Quinto et sorella del Re filippo di Spagna, che hoggi regna. Si fecero grandissime feste nel sue nozze, et principalmente un torneo a piedi, cosa di gran stupore. Al qual principe fu poco permanente questo stato, morrendo in vittá del Padre, durando in quello 14 mesi, et cosi resto la Principessa gravida di questo Re punte Sebastiano. Et doppo il parto se ne retorno in Castiglia, vivendo poco doppo il Re Giovanni facendo prima giurare per Principe. Il detto puttino si mori l'anno 1557 havendone regnato 36. Non descrivero le cose occorse nel suo tempo in questo Regno et fuori di esso percio che sono tanto moderne, che ciascuno lo saper. Et chi vorra saper quella India legge l'Asia di Giovanni di Barros che ivi le trovera compitamente.

Sebastiano primo, Re XVI

Nel anno del signor 1554, alli 20 di Gennaro nacque il serenissimo Re presente dalla Principessa di Portogallo Giovanna, che mori in Castiglia, gia sono quatro anni maritata al Re Giovanni gia in quel tempo morto che fu come dicerno figliolo/fl. 173v. del Re Giovanni terzo, al quale fu imposto nome Sebastiano per essere nato il giorno festivo di quel santo reveramente dato a questo Regno per miracolo di Dio, vedendo qu el signore delle misericordie che restava lo stato tristo, et dolente quando non gli avesse dato un tal Principe, et non contento di darlo gliene diede un tale che nissun altro (salvo il debito rispetto agli altri Principi) si puo a lui agguagliare. Ma lasciando li lodi da parte diro solamente come morto l'avo fu coronato Re, restando governadora di Portogallo la Regina sua ava et il Cardinalle Henrico suo tio, li quali governaron l'uno doppo l'altro. Finio alli 14 anni della eta sua che gli fu dato lo scettro reale, il quale il nostro signore Dio, conservi per molti anni havendone al presente 23, dandogli prosperissimi et felicissimi successi. Et havendo le cose accadute in questo tempo accio siano scritte da un stile sublime, eloquente, et convenevole alle sue grandezze faro qui finire.

Tradução

História brevíssima dos reis de Portugal de um certo autor Ano 1577

Deixando de lado as antiquíssimas histórias dos Reis e Senhores de Portugal, de quem os historiadores antigos e modernos têm falado como o mérito deste felicíssimo Reino começou com o primeiro que, caçando os bárbaros, mereceu ser senhor dele, de onde descende a estirpe régia deste poderosíssimo Rei presente por linha direta. Começando por dizer que cerca do ano 1090 reinando em Espanha, o rei D. Afonso VII deste nome, que tomou Toledo aos mouros, a fama da sua virtude e generosidade de espírito espalhou-se de tal forma pelo mundo que muitos vieram juntar-se a este famoso príncipe, mais para destacarem-se pela glória das armas do que pela honra popular. Entre eles estava Henrique, filho do rei da Hungria. Querendo D. Afonso satisfazê-lo pelos bons avisos que ele lhe dera na guerra aos mouros, não encontrou nada mais digno da sua pessoa do que aceitá-lo como seu filho e genro e dar-lhe a sua filha Teresa como esposa, e como dote deu-lhe todas as terras que naquele tempo tinham sido tomadas aos mouros nesta parte de Portugal. E além disso todas as terras que se podiam conquistar com o título de Ducado, dote e hereditariedade que, ao que parece, foi dado com tal bênção por este Rei católico que todos os seus sucessores que o herdaram mantiveram sempre guerra contínua com estes infiéis. O que como verdade/fl. 164v. se pode dizer e afirmar, é que esta Coroa de Portugal está edificada sobre o sangue daqueles que, militando pela fé cristã, ofereceram suas vidas a Deus em sacrifício. Depois de este famoso Henrique ter tido muitas vitórias contra os mouros, teve um filho macho de Teresa, a quem deu o nome de Afonso Henriques e reinou até ao ano de 1112. Nessa altura, aprouve a Deus libertá-lo desta vida e dar-lhe outra para as suas virtudes, de acordo com a sua vontade.

Afonso Henriques, primeiro rei

Após a morte do Duque D. Henrique, sucedeu-lhe no estado o seu filho Afonso Henriques, de não menor valor que o seu pai, porque para alargar e iluminar o Reino não era necessário outro espírito de maior excelência senão o seu. Era um grande capitão, muito audaz e feliz nas suas empresas. Porque quando o seu pai morreu, Dona Teresa, sua mãe, quis casar com outro que não era igual a ela e era igual ao Duque, e juntamente com este

seu marido tentou privar o filho da posse do Estado, contra o que o Príncipe rompeu o casamento e expulsou a mãe e o padrasto do Estado, tomando posse dele pacificamente. Mas a mãe foi ter com o seu irmão, o rei de Castela, lamentando-se e queixando-se do filho, e ao mesmo tempo pedindo-lhe apoio e auxílio, o que o rei não lhe negou, quando formou um bom exército, e em pessoa foi procurar o príncipe no seu ducado, contra o que Afonso saiu, não só unindo o seu Reino, mas pondo-o em fuga. Fl. 165/Assim, tendo sido derrotado e vencido sem regressar ao seu reino, pouco tempo depois o rei de Castela, ressentido com a injúria recebida em Portugal, decidiu vingar-se. Fê-lo sitiando o príncipe em Guimarães apanhando-o de surpresa e, depois de muitas batalhas, como o príncipe Afonso não conseguia romper o duro cerco, mandou libertar um dos seus mais fiéis conselheiros, chamado Egas Moniz, por certos pactos que fez com o rei de Castela, embora não lhe fossem favoráveis e nunca os quisesse cumprir. Por isso, o rei levantou o cerco e regressou vitorioso ao seu reino. Passado este tempo, como este animado Príncipe não podia ficar sem fazer actos dignos do seu nome, mandou um bom, mas pequeno exército ir contra os mouros que habitavam a comarca de Além Tejo, Campo de Ourique e Algarve. [Foi] quando soube que os pérfidos árabes se tinham juntado ao seu exército com cinco reis, o principal deles chamado Ismar, e tinham reunido um número tão grande de pessoas que, contra um português, havia cem mouros. O que não assustou o espírito muito forte de tal guerreiro. E pôs o seu acampamento em ordem para o recontro contra os seus inimigos numa parte que hoje se chama Caberos del Rey, que fica em Campo de Ourique. E nessa manhã, quando a batalha estava para ter lugar, quando o dia nasceu, apareceu a esse príncipe o Deus onipotente Cristo Nosso Senhor no céu crucificado, que ele viu e adorou com todo o exército, o que de tal modo arrebatou a alma de todos que gritando foi nomeado Rei de Portugal. E dando sobre os inimigos os quebraram e esmagaram de tal maneira que morreram os cinco reis e quase todos os outros./fl. 165v. Neste memorável dia que o novo Rei quis tornar mais memorável, fez uma cruz de turquesa em campo de prata, que é o que todos os Reis deste Reino fazem atualmente, isto é, cinco escudos de turquesa em vez da cruz, para significar o milagre de Deus Nosso Senhor quando lhe apareceu, com cinco pragas crucificadas no Céu. E em memória destes cinco reis mortos, em cada escudo foram colocadas cinco moedas de prata que numerando o do meio vale duas vezes no início e no fim fazem 30 denários com os quais Cristo foi vendido. E com esta milagrosa vitória foi-lhe dado o nome de Rei, que

permanecerá sempre para os seus sucessores desmembrando-se da Coroa de Castela, e com estas belas e santas armas dadas pelo seu próprio Deus. Não tardou muito a tomar aos mouros a cidade de Leiria, Arronches, Santarém, Sintra e Lisboa, que sitiou durante cinco meses. Mas por fim, com a ajuda de Deus e dos montanhesees, isto é, dos transalpinos³⁴, dos flamengos e dos ingleses, que vinham por mar à Terra Santa, tomou-a, com uma entrada muito sangrenta. E com ela tomou também Torres Vedras, Elvas, Mora, Serpa, Alcácer do Sal e Évora, graças à valentia do seu valente capitão Giraldo. Depois tomou Beja, Palmela e Sesimbra, em socorro das quais veio o rei de Badajoz com quatro mil cavaleiros e grande número de infantaria. E, conhecendo-o o rei D. Afonso, armou uma emboscada e com apenas sessenta cavalos quebrou-o e pô-lo em fuga. E após a vitória, foi sitiar a cidade de Badajoz, que os leoneses tinham tomado e depois perdido Fl. 166/mas que consideravam ser da sua conquista e [consideraram] coisa digna de uma tal injúria assediá-la. Mas, como não podia partir para se ver reerguido, dispôs-se, com a pouca gente que tinha, a ir à campanha e combater como o capitão Conde Strenno. Mas a sorte não o favoreceu neste sentido, porque ao sair pela porta da cidade partiu uma perna na porta, o que foi a causa de ser preso e encarcerado, e foi mandado de volta para o Reino, onde os mouros sitiariam Santarém. E em seu proveito mandou trazer o santíssimo corpo de São Vicente, do campo com esse nome, porque tinha sido encontrado nele na Cidade de Lisboa.

No meio disto, Deus quis dar-lhe um filho de nome Sancho, que não era nada degenerado em relação ao pai, e a quem mandou ir com um exército para a outra margem do Tejo. O corajoso jovem, obedecendo a seu pai, obteve grandes vitórias, pelo que os reis mouros decidiram vingar-se, confederando-se com Miramolim, Imperador de Marrocos. O qual, entrando em Portugal com treze reis e um número infinito de guerreiros, cercou em Santarém este excelentíssimo Príncipe Sancho. Mas, sabendo disto, o velho Pai, que estava cansado de armas e se encontrava em Coimbra, veio em pessoa socorrê-lo. E advertindo-o Deus Nosso Senhor, partiu tão bem que, matando quase toda a gente e ficando Miramolim morto, saiu vitorioso. A este invencível Rei, depois de tantas vitórias, de tantos reis mortos, de tantas cidades e castelos possuídos e tomados pelas armas, o Senhor Deus quis dar-lhe Fl. 166v./outra vida no Céu, libertando-o desta frágil terra no ano de 1185. Depois de ter possuído por morte de seu pai e reinado em Portugal 73 anos, os primeiros 27 como Duque e os últimos 46 como Rei.

³⁴ Referência a alemães.

Sancho Primeiro, segundo rei

Ao famoso Rei Afonso sucedeu no Reino o seu filho Sancho Primeiro deste nome e segundo Rei de Portugal no ano do Senhor de 1182³⁵. Não era menos animado que seu pai, nem menos afortunado na guerra, mas podia ser guerreiro como Alexandre o Grande [seguindo] seu Pai D. Afonso Henriques, que tanto tinha feito que, depois da sua morte, não podia fazer mais agora, na aquisição do novo Reino. E embora na sua juventude, enquanto seu pai era vivo, mostrasse a força da sua alma dos povos transalpinos, tendo grandes vitórias contra o rei de Sevilha, o Mouro, e um poderoso rei que sitiava Beja, e resistindo ao perigosíssimo cerco de Santarém de Miramolino, não demorou a demonstrá-lo. Alguns meses depois de ter começado a reinar, pilhou a cidade de Silves, tendo sido avisado por gente alemã, como o seu pai quando conquistou Lisboa, a qual gente passava por aquelas costas, navegando no Mediterrâneo para avistar o Imperador Frederico, o Vermelho, que ia defender Siracusa e Guido Redito contra Saladino. Neste meio tempo, os leoneses fizeram-lhe guerra do lado que confina um Reino com o outro, e prevendo-o ele opôs-se e as coisas correram muito bem, tendo obtido muitas vitórias e outras, que Fl. 167/por amor da brevidade deixamos de escrever outras coisas particulares que aconteceram no Reino. Morreu este sereníssimo rei no ano do senhor 1211, tendo reinado 26 [anos].

Afonso Segundo, terceiro rei

A Sancho sucedeu no Reino o seu filho Afonso, segundo no nome e terceiro Rei de Portugal, no ano de 1211, o qual não foi menos excelente em virtudes do que os seus antecessores. Mas como naquele tempo os sarracenos cercavam o Reino, não tinham os cavaleiros onde pudessem usar a sua força, pelo que o rei Afonso não foi nomeado nem celebrado como o rei Sancho. Entre as coisas que fez em seu nome foi recuperar aos mouros Alcácer do Sal, que se tinha perdido em vida do pai. E assim, reinando dois anos³⁶, terminou a sua curta vida com outra eterna, no ano de 1213³⁷.

³⁵ Erro do autor. D. Sancho I só começou a reinar com nome de rei em 1185.

³⁶ Erro do autor. D. Afonso II reinou 12 anos, entre 1211 e 1223.

³⁷ Erro do autor. D. Afonso II não faleceu em 1213, mas sim em 1223.

Sancho Segundo, quarto rei

Sancho segundo, quarto rei, após a morte de seu pai, o rei Afonso, tomou posse do reino no ano de 1213³⁸. E embora em princípio mostrasse ser descendente dessa linhagem real e nobilíssima, conseguiu depois ser de mente pura, pelo que os seus vassallos o privaram do Reino por não estar apto a governar tal povo habituado a não obedecer a nenhum rei. Mas o mais excelente de todos e privando-o assim do Reino, fizeram governar Afonso, Conde de Bolonha em França, irmão deste Rei Sancho Segundo, com o consentimento do Sumo Pontífice Inocêncio Quarto. Vendo o Rei que era desprezado por todos, foi para Castela, onde morreu após dois anos, não Fl. 167v./reinando mas possuindo o Reino por 24 anos mais dois em Castela que são 26. E em Toledo pode ver-se o seu sepulcro na ala dos reis.

Afonso Terceiro, quinto rei

Quando Sancho morreu, no ano de 1249, os portugueses fizeram de Afonso Conde de Bolonha o seu rei. Como já dissemos, tinha sido governador do Reino por seu irmão Sancho, como se lê na sua vida, cujo apelido se chama Capelo. Foi casado com Beatriz, filha de Afonso X, rei de Castela, dando-lhe como dote o Reino do Algarve com todas as riquezas que este possuía. E assim me parece que, perseguindo os mouros com grandes vitórias, como capitão mortífero, ainda tomou posse dele. E não contente de tantas maravilhosas obras em que por força de armas uniu os dois reinos, de Portugal e do Algarve, expulsou aquela pérfida e abominável seita de Maomé, reduzindo-a a um tranquilo estado e a perpétua paz. Morreu este valeroso rei no ano do senhor de 1278³⁹, tendo reinado 29 [anos].

Dinis primeiro, sexto rei

Ao valoroso rei Afonso seguiu-se Dinis, seu primeiro filho, que, encontrando o Reino em paz e tendo os sarracenos já sido expulsos dele, não tendo nada em que pudesse exercer o seu poderio militar, gastou o seu tempo a

³⁸ Erro do autor. D. Sancho II começou o seu reinado em 1223 e não em 1213.

³⁹ Erro do autor. D. Afonso III reinou de 1248 até 1279, ou seja, 31 anos.

construir novos castelos, que chegaram ao número de 44. Foi um rei muito liberal e tanto que na sua liberalidade podia ser comparado a Alexandre Magno. E fazendo e instituindo leis foi como o famoso rei romano Numa Pompilius, fez da cidade de Coimbra fl. 168/mãe de todas as ciências para se exercitar o estudo das letras humanas e divinas. E como este liberalíssimo Rei reinou 46 anos, o curso da sua vida terminou no ano de 1326⁴⁰, sendo exaltado por todos os povos pelos grandes benefícios dele recebidos.

Afonso quarto, sétimo rei

Afonso quarto morto o pai Dinis⁴¹ tomou a posse do Reino e ainda que em sua juventude tenha sido pouco obediente a seu pai, não foi tão raro em virtude como seus predecessores. Este foi aquele famoso Rei que esteve presente na batalha entre D. Afonso XI de Castela e Alcobacen, Rei de Marrocos, com outros quatro Reis que morreram na Campanha de Tarifa, um castelo no Estreito de Gibraltar. Ali, os cristãos uniram-se: com um número muito reduzido de pessoas derrotaram 150.000 sarracenos, libertando a Espanha de ser novamente possuída por essa nação infame. A causa que fez com que este rei Afonso quarto fosse em auxílio do rei de Castela foi o facto de ter casado a sua filha com este Afonso XI, para abolir certos princípios de guerra que tinham surgido entre portugueses e castelhanos. Este, vendo-se oprimido por tão grande número de mouros, mandou à rainha Maria, sua mulher, que fosse ao pai pedir-lhe ajuda. Quando ela foi a Portugal no Outono, o próprio Rei foi ter com ela em pessoa, e teve aquele dia memorável. Chegando depois, cheio de glória e triunfo a Portugal, soube que seu filho, o Príncipe chamado Pedro, se tinha enamorado de uma nobre e bela dama. Essa dama era Inês de Castro, de quem já tinha filhos e por quem deixava fl. 168v./outras princesas por esposa, a quem o pai remediou achando que devia casar com uma igual. E forçado pelo povo, ordenou que a matassem. Esse acto foi tão cruel para o espírito do Príncipe que ele nunca mais quis tomar uma esposa. E por causa do que fez àqueles que o animavam, mereceu o nome de Cruel, como se dirá na sua história. Com a morte de Dona Inês, morreu D. Afonso IV, no ano da redenção 1357, tendo reinado 31 anos⁴².

⁴⁰ Erro do autor. D. Dinis reinou até 1325 e não 1326.

⁴¹ Erro do autor ao trocar a ordem dos sujeitos. Queria certamente ter escrito quando Dinis morreu o seu filho Afonso quarto.

⁴² Erro do autor. D. Afonso IV reinou 32 anos.

Pedro primeiro, oitavo rei

Depois de Afonso IV, Pedro, seu primeiro filho, sucedeu-lhe no Reino. Quando tomou posse do Reino, mandou retirar do seu túmulo a sua amada Dona Inês de Castro e tomou-a por esposa, fazendo-a Rainha na morte, como teria feito em vida, se o seu pai não o tivesse impedido. Amando-a como já dissemos e, não tomando outra mulher, fez jurar os seus filhos como herdeiros legítimos do Reino e como de um casamento legítimo, para que o pudessem suceder. Foi um cruel castigador de ladrões e assassinos, tanto que no seu tempo o reino ficou privado desta malfadada raça, lembrando-se então da injúria recebida daqueles que amavam a sua Rainha mulher. Combinou com D. Pedro de Castela, ainda chamado o Cruel, que lhe daria todos os exilados que estivessem no seu Reino, e que este lhe daria os que estivessem no seu. Do mesmo modo que Augusto já fazia com Lépido e António, e assim, tendo em suas mãos aquelas vitórias, pôs à mão a execução da sua vontade, Fl. 169/que foi tão cruel, que por isso mereceu o apelido de seaccio⁴³ como se dizia em todo o Reino. Mas no resto era Rei liberalíssimo e muito amante da virtude. Costumava dizer que o Rei era digno do nome real, e assim, para merecer este nome, fez um grande reinado de 10 anos e seis meses e morreu no ano do nascimento de Maria, em 1367.

D. Fernando primeiro, nono rei

Após a morte de Pedro, o Cruel, herdou Portugal, o seu filho Fernando. No seu tempo o Reino estava em risco de se perder por sua causa, sendo sitiado em Lisboa pelo Rei Henrique de Castela, onde foi libertado. Teve de sua mulher Dona Leonarda uma filha de nome Beatriz que mandou casar com o Rei de Castela, o que foi motivo de grande discórdia e história entre estes dois reinos, como se dirá de seguida. Este Rei não fez outra coisa senão muralhar a cidade de Lisboa com a grandeza que tinha na altura, por medo que houvesse outro cerco como tivera no passado, e assim possuiu aquele reino durante dezasseis anos e nove meses. Morreu no ano da nossa saúde de 1383.

João Primeiro, décimo rei

⁴³ Não se conseguiu traduzir esta palavra.

Depois de tantas calamidades ocorridas em Portugal no tempo do Rei Fernando, Deus quis milagrosamente acudir às necessidades deste Reino dando-lhe um Rei tão singular como foi João Primeiro, Grão-Mestre da Ordem de David⁴⁴ e filho de Pedro, o Cruel. Assim restituiu com a sua obra o dano que os portugueses tinham recebido dos fl. 169v./castelhanos no dito tempo, porque morrendo Fernando, não teve outro herdeiro senão Beatriz, que era casada com o rei de Castela. A nobreza dividiu-se, querendo uns, esta rainha, e outros, o dito João. E como este prevaleceu mais do que o outro, foi nomeado para Rei, dando um sinal em Évora que, por milagre, sendo criança e estando na urna⁴⁵, creio que em voz alta, dizendo Portugal Portugal pelo rei João. O qual não foi primeiro rei senão depois derrotar os inimigos do seu irmão rei Fernando, como fez pela sua própria mão a rainha Leonarda e em presença de toda a sua casa. Não podendo a Rainha suportar aquela injúria fez sublevar os que estavam do lado da sua filha, dando em mão ao Rei de Castela todos os castelos e cidades que possuíam, para que ele, como herdeiro da sua mulher, viesse tomar o Reino. E sabendo que não lhe faltaria oposição à nova eleição de João, formou um grande e poderoso exército adequado a tal expedição. Entre eles, Portugal estava todo perturbado com a divisão que existia entre eles, mas os que estavam do lado de João aconselhavam-no e avisavam-no de que ele proveria às suas necessidades a seu tempo, fazendo um pequeno, mas bom exército daqueles fiéis portugueses que queriam morrer mais cedo com o seu próprio e natural senhor e rei do que serem súbditos dos castelhanos em paz. Fez o Rei seu capitão general Nuno Álvares Pereira, cavaleiro muito nobre, com fama de santo e um dos melhores e mais hábeis capitães que Portugal teve. E com este pequeno exército saiu para o campo de Abrantes, um castelo nas margens do Tejo, e marchando em muito boa ordem encontrou-se com o rei João fl. 170/de Castela, num lugar hoje em dia conhecido como a Senhora da Batalha, onde teve lugar uma batalha muito sangrenta. O exército castelhano foi quebrado e destruído com grande mortalidade, e João permaneceu três dias no campo como vencedor, lugar em que fez um sumptuoso templo dedicado à Senhora da Batalha, ornando-o com todos os despojos que tinha tomado ao rei inimigo onde ainda hoje se vêem. Derrotado o rei de Castela, enviou o rei Nuno Pereira, seu general, com o exército para a outra margem do Tejo, onde este valente capitão derrotou muitos

⁴⁴ Possível erro do autor que escreveu David, em vez de Avis.

⁴⁵ Não se conseguiu traduzir com precisão esta palavra.

esquadrões de castelhanos, tomando toda aquela parte da Andaluzia até Sevilha. Mas vendo-se oprimido o rei João pediu a paz, que lhe foi concedida e para melhor estabilidade casaram com duas irmãs, filhas do rei de Inglaterra. Depois desta nova paz, não podendo deixar o magnânimo Rei de fazer actos dignos da sua valentia, porque no seu Reino já não havia com quem guerrear, preparou uma grande armada de galeões, galés e grandes navios em que, desfilando com os seus fiéis portugueses, fez a expedição de Ceuta, porto de mar, cidade situada na Mauritânia, no estreito de Gibraltar, naquela parte a que os antigos chamavam Monte Abraão, a qual foi pilhada assegurando que à Espanha não acontecesse outra vez outra ruína para essa parte, como aconteceu no tempo do conde Juliano. O Rei regressou então ao Reino, adornado com tantas vitórias, pois foi o primeiro Rei a fazer empreendimentos fora do mesmo, e morreu em 1433, tendo reinado 50 anos. O povo português ficou-lhe tão grato que o apelidou pelo seu apelido de boa memória.

Fl. 170v./Eduardo primeiro, décimo primeiro rei

Morto João primeiro reinou Eduardo primeiro rei deste nome, seu filho, a quem a fortuna não quis dar a vida, nem nos sucessos do reino, ainda que merecesse pelas suas virtudes ser chamado filho de tal pai. Mas não reinou mais de cinco anos, durante os quais seu irmão Fernando foi escravizado pelos mouros em África, por cuja troca lhe foi exigida Ceuta. E mesmo que o rei Eduardo a quisesse dar e todo o reino, se necessário fosse para adquirir o irmão perdido, este príncipe, olhando mais para o bem público do que para o seu próprio bem e sabendo da importância que esta cidade tinha para Espanha, nunca quis ser libertado daquela prisão e assim morreu entre eles, recitando aquele célebre Regulo. Este rei casou mais tarde uma das suas filhas, chamada Leonor, com Frederico terceiro, Imperador da Alemanha, de quem se pode ver um testemunho claro em Siena, na entrada da cidade, sobre uma coluna de mármore branco. Ele morreu no ano de 1438.

Afonso Quinto, décimo segundo rei

Eduardo foi sucedido pelo seu filho Afonso Quinto, um nome verdadeiramente afortunado neste Reino de Portugal. Este rei foi um excelente capitão e mereceu pelas grandes vitórias que teve em África dos Mouros o nome de Africano. Tomou pela força das armas Alcácer Ceguer,

fortalezas e castelos de Tânger e Arzila, cidade situada na Mauritânia não muito longe de Ceuta, na qual armou seu filho o Príncipe João, que depois lhe sucedeu no Reino, ao qual regressou cheio de triunfo e vitorioso, e foi enfrentar fl. 171/ Fernando, rei de Aragão. E quando se encontraram em Toro tiveram um dia muito sangrento e duvidoso porque Afonso foi derrotado e seu filho o Príncipe com outro esquadrão foi vencedor e ficaram um dia no campo depois da batalha, pois foi semelhante à de Octávio e António contra os assassinos de Júlio César, e assim o esquadrão de vencedor regressou a Toro. De lá, chegando a Portugal, passou por França e daí pôs-se a caminho de Jerusalém, com a intenção de levar uma vida religiosa nesses lugares santos, já que no final do seu reinado a sorte lhe era tão adversa e tendo reinado 43 anos, morreu em 1481.

João Segundo, décimo terceiro rei

Por morte de Afonso, João Segundo seu filho herdou o Reino, em quem não faltou nada do que um grande Rei necessitaria. E quando era Príncipe, esteve com seu pai na aquisição de Arzila, e na Batalha de Toro, como já foi dito, e noutras coisas dignas de memória, que por uma questão de brevidade se deixam de fora. E depois, sendo rei, iniciou a descoberta das Guinés⁴⁶. Construiu da mesma forma uma fortaleza chamada São Jorge naquelas paragens da Mina por causa do ouro. Depois, sabendo da traição que o Duque de Bragança Fernando e [a que] os outros senhores tinham feito com os castelhanos, mandou decapitar o dito Duque em Évora, e fez o mesmo ao Marquês de Montemor em Abrantes numa estátua porque tinha já fugido para Castela. Mas as traições não cessaram, pois começou uma maior, encabeçada pelo Duque de Viseu, Diogo, e de quem a Rainha era irmã, com o arcebispo de Évora, o conde de Penamacor e outros nobilíssimos senhores. Pretendiam matar o rei com ferro ou veneno para que o dito Duque de Viseu ficasse como rei. Mas como o rei foi avisado do perigo que corria a sua vida, mandou uma noite chamar o Duque a Setúbal e com a sua própria mão o matou com um punhal, e o mesmo aconteceu aos conjurados, numa parte, e noutra. Morto o duque, o rei deu o seu ducado a Dom Manuel, irmão do Duque, mudando-lhe o título e chamando-lhe Duque de Beja e Senhor de Viseu, o qual foi Rei de Portugal.

⁴⁶ Erro do autor. Possivelmente queria ter dito Ásia e não Guiné que no início do reinado de D. João II era já bem conhecida dos Portugueses.

Depois de finda esta conjura por morte de tantos senhores, entregou-se ao rei a Cidade de Azamor e foi pilhada à força Targa, o porto do mar e Camice, um castelo dentro da terra, todos situados na Mauritânia, e teve grandes vitórias dos seus capitães sobre aqueles mouros. E como já se tinha descoberto a ilha da Madeira, naquele tempo descobriu-se também o reino do Benim, e Bemochi, rei de Jalofo, veio a Portugal para se fazer cristão, e o rei de Manicogno navegou para o seu reino, o que deu coragem ao rei para tentar a actual navegação, enviando homens por terra para as Índias, que no seu tempo não regressaram por terra por várias razões. E como o príncipe Afonso, seu filho, já tinha atingido a idade de casar, casou com Isabel, filha de Fernando, rei de Castela para que estes reinos se mantivessem em paz, como até hoje. No casamento de quem houve grandes festas em Évora, onde se consumou o matrimónio. Ali o pobre príncipe não durou muito tempo neste estado, pois não o teve por mais de sete meses, morrendo em Santarém de uma queda de um fl. 172/cavalo. Pela morte de quem o Reino de Portugal se entristeceu, porque ao primeiro dos seus naturais Príncipe e Senhor a Princesa regressou a Castela. E o rei do desgosto da perda do seu filho viveu pouco tempo depois, e reinou 14 anos e dois meses e morreu no ano do senhor de 1495.

Emanuel Primeiro, décimo quarto rei

Sucedeu a João Segundo Manuel Primeiro, seu irmão, primo e filho do Infante Fernando, rei muito afortunado, liberal e magnânimo, em cujo tempo o reino de Portugal era muito próspero e abundante em tudo o que era bom. Expulsou do reino os mouros e os judeus, deixando apenas aqueles que se queriam tornar cristãos. Teve grandes vitórias em África, reconquistando pela força Safim, Azamor e Mazagão, e fez novas fortalezas, em Arguim, e o Castelo Real perto do Cabo de Gué. Foi o primeiro a descobrir a Índia por intermédio do seu capitão Vasco da Gama, grande almirante deste Reino, e ainda o Brasil, coisa nunca tentada por ninguém e obra digna de tão grande imperador, mostrando toda a navegação da África Maior, Arábia, Pérsia, Sármatia, Sião e China e não mencionando as grandes batalhas que os seus capitães tiveram contra os turcos, mouros e indianos, nas partes das cidades tomadas, saqueadas e queimadas. Apenas mencionarei as fortalezas que construiu, ou seja, Cochim, Cananor, Coulão, Quíloa, Sofala, Moçambique, Achém, Socotorá, Ormuz, Goa, Pacém, Pedir, Calicute, Chaul, Ceilão, Malaca e nas Molucas, a de Ternate. Fez no Reino inúmeros mosteiros de frades e

freiras, entre os quais o de Belém, coisa rara na Europa. Em Lisboa, onde se encontra o seu túmulo, finalizou o hospital da mesma cidade, mandado fazer por João fl. 172v./Segundo, o qual é um belo edifício. Teve como esposa Isabel, já mulher do Infante Afonso, filho do seu antecessor, e com ela tomou posse dos seus Reinos na companhia do Rei Fernando, seu sogro. Foi até Saragoça com o sogro, onde deu à luz à Rainha um filho varão chamado Miguel, Príncipe e herdeiro de toda a Espanha. Mas a mãe morreu durante o parto e a criança com 22 meses. Depois casou com Maria, irmã da rainha morta, com quem teve muitos filhos, o primeiro chamado João, que em seguida reinou em Portugal. Foi um tempo verdadeiramente feliz o reinado do referido Manuel. Quem quiser conhecer as proezas dos seus capitães e a sua grandeza, pode ler a crónica do seu reinado, escrita em latim pelo Reverendíssimo Monsenhor do Algarve (que agora se encontra em Roma) D. Jerónimo Osório, que pode ser comparado a César, pois não lhe faltavam outras ciências de maior qualidade, como se pode ver pelas obras que mandou imprimir. Este rei morreu no ano de 1521, tendo reinado 26 anos.

João Terceiro, décimo quinto rei

Quando o rei Manuel morreu, seu filho João terceiro deste nome tomou posse do Reino. Rei muito religioso e amante das letras humanas e divinas, causa pela qual honrou e tornou nobre o estudo de Coimbra. Fez edifícios muito grandiosos em que se deleitaram muito como foi o de prover o convento de Tomar dos Irmãos de Cristo, o de Belém começado por seu pai e muitos outros palácios, e igrejas e mosteiros com que muito enobreceu aquele Reino. Seus capitães tiveram grandes vitórias na África e também nas Índias de várias nações. Da mesma forma/fl. 173 em sua época, o Japão e outras novas ilhas naquele mar foram descobertos. Foi um Rei muito benigno, afável e cortês para com todos os seus vassalos, tanto que poderia ser justamente chamado de Pai da Pátria. Esse rei tinha como esposa Catarina, irmã do Imperador Carlos Quinto, uma rainha semelhante em bondade ao marido, e que, estando ainda viva, é um exemplo de bondade naquele Reino. De quem o Rei teve muitos filhos, homens e mulheres, e morrendo todos jovens, só restou um chamado João, Príncipe e herdeiro, a quem deram por esposa Joana, filha do dito Carlos Quinto e irmã de Rei Filipe de Espanha, que hoje reina. Houve grandes comemorações em seu casamento e principalmente um torneio a pé, o que foi muito surpreendente. Este estado não foi muito permanente para o príncipe, morrendo na vida do

pai, durando 14 meses, e assim a princesa permaneceu grávida deste rei, Sebastião. E depois de dar à luz regressou a Castela. Pouco depois [o rei] João [fê-lo] prestar juramento como Príncipe. O referido rei faleceu no ano de 1557 tendo reinado 36 anos. Não vou descrever as coisas que ocorreram em seu tempo neste Reino e fora dele porque são tão modernas que todos sabem disso. E quem quiser conhecer as das Índias leia a Ásia de João de Barros que lá as encontrará detalhadamente.

Sebastião Primeiro, décimo sexto rei

No ano do Senhor de 1554, a 20 de Janeiro, nasceu o sereníssimo rei actual, à Princesa de Portugal Joana, falecida em Castela, já casada com o rei⁴⁷ João há quatro anos, já falecido nessa altura, que era, como dizem, filho fl. 173v./de João Terceiro, a quem foi dado o nome de Sebastião por ter nascido na festa daquele santo reverentemente dado a este Reino por um milagre de Deus. Vendo o Senhor a misericórdia com que permanecia o Reino triste e pesaroso enquanto não lhe fosse dado um tal Príncipe, e não contente em dá-lo, deu-lhe um tal como nenhum outro (exceto pela dívida para com os outros Príncipes) pode ser comparado a ele. Mas deixando os elogios de lado, direi apenas como morto o avô foi coroado Rei após a sua morte, enquanto a Rainha, sua ancestral, e o Cardeal Henrique, seu tio, permaneceram governadores de Portugal, e governaram um após o outro. Foi aos 14 anos que lhe foi dado o ceptro real, que Nosso Senhor Deus guarde durante muitos anos, tendo actualmente 23, dando-lhe os mais prósperos e felizes sucessos. E tendo as coisas que aconteceram neste tempo sido escritas num estilo sublime, eloquente e adequado à sua grandeza, terminarei aqui.

⁴⁷ Erro do autor na escrita: Não é rei, mas sim príncipe. Não se refere ao rei D. João III, mas sim ao seu filho, o príncipe D. João Manuel.